



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento Acadêmico de Cursos Superiores - DACS

Curso de Licenciatura em Geografia

MARIA VITÓRIA DE LIMA BARROS

**IDENTIDADE CULTURAL DE LAGOA DO CARRO- PE ATRAVÉS DO TRABALHO
FEMININO NA PRODUÇÃO DE TAPETES ARTESANAIS**

Recife - PE
2024

MARIA VITÓRIA DE LIMA BARROS

**IDENTIDADE CULTURAL DE LAGOA DO CARRO- PE ATRAVÉS DO
TRABALHO FEMININO NA PRODUÇÃO DE TAPETES ARTESANAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Curso de Licenciatura em Geografia do
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife,
como requisito para obtenção do título de
Licenciado(a) em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Maciel Henrique Carneiro
da Silva

Recife - PE
2024

B277i
2024

Barros, Maria Vitória de Lima

Identidade cultural de Lagoa do Carro- PE através do trabalho feminino na produção de tapetes artesanais. / Maria Vitória de Lima Barros. --- Recife: A autora, 2024.

72f. il. Color.

Trabalho de Conclusão (Curso Superior Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

Inclui Referências, Apêndices e Anexos.

Orientador: Prof. Dr. Maciel Henrique Carneiro da Silva.

Identidade cultural. 2. Artesanato. 3. Tapeçaria. 4. Mulheres. I. Título. II. Silva, Maciel Henrique Carneiro da (orientador). III. Instituto Federal de Pernambuco.

MARIA VITÓRIA DE LIMA BARROS

**IDENTIDADE CULTURAL DE LAGOA DO CARRO-PE ATRAVÉS DO TRABALHO
FEMININO NA PRODUÇÃO DE TAPETES ARTESANAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de
Pernambuco – *Campus* Recife, como
requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 14 de outubro de
2024 pela Banca Examinadora:

Maciel Henrique Carneiro da Silva (IFPE/CGEO)
Orientador
Doutor em História – UFBA

Karla Daniele de Souza Araújo (IFPE/CCHL)
Examinadora Externa
Doutora em Letras – UFPE

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO)
Examinador Interno
Doutor em Geografia – UFPE

Recife – PE

2024

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio e Vanezinete, que sempre me incentivaram a nunca desistir. Também dedico às tapeceiras de Lagoa do Carro, pela perseverança em manter viva essa preciosa atividade artesanal.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me ter sustentado até aqui, por me dar forças ao longo de toda essa caminhada acadêmica, e por me conceder paciência e sabedoria. Se cheguei até aqui, foi porque Ele me guiou. Agradeço também à Virgem Maria, por interceder e cuidar de mim nos momentos de dificuldade ao longo dessa jornada.

Aos meus pais, Antônio Vieira e Vanezinete Lima, agradeço por me incentivarem e apoiarem para que eu pudesse chegar até aqui, e por me darem a oportunidade de estudar, algo que não foi possível para vocês. Sem o apoio de ambos, eu não teria chegado nem à metade do caminho. Sou profundamente grata pela compreensão e preocupação, para que eu pudesse dedicar meu tempo aos estudos. Obrigada por tudo, e principalmente por acreditarem que eu conseguiria chegar até o fim. Isso não seria possível sem vocês. Amo vocês, *Always and forever*. Não menos importante, agradeço ao meu irmão Almir Lima e à minha cunhada Francelia Vieira, por me apoiarem e incentivarem durante todo esse período de estudos, mas também por estarem presentes nos momentos de lazer e diversão. A presença de vocês tornou a minha vida mais alegre e divertida. Amo vocês.

Aos meus amigos de graduação e colegas de turma, Caio Mauricio, Jhon Roger, Geyza Matos, Cleidinaldo Filho, Nathalia Vitória e Jhowan Gabryell, sou muito grata por terem me acompanhado ao longo dessa trajetória, pelos momentos que compartilhamos nas aulas, brincadeiras, risadas, experiências e apoio mútuo. Foi maravilhoso passar por essa etapa ao lado de vocês. Saibam que todos contribuíram positivamente para minha formação e tornaram essa jornada mais leve. Também agradeço aos amigos e colegas que ganhei na graduação: Claudia dos Santos, João Victor Sena, José Alex, Pamela Eduarda, Carlos Alberto, Rhaldney Soares, Silvio José, Lizandro Nascimento, Leandra Lopes e tantos outros. Vocês são incríveis! Obrigada por nossos momentos juntos, pelas conversas, brincadeiras e amizade. Levarei todos vocês comigo para a vida.

Em especial, agradeço de coração à minha amiga e irmã de outra vida, Geyza Matos, por me incentivar a não desistir e por seu apoio ao longo dessa trajetória. Saiba que não tenho palavras suficientes para agradecer a sua amizade e

companheirismo. Sempre estarei torcendo por você, porque você merece o mundo. Também não posso deixar de agradecer aos seus pais, Gilson Matos e Ivaneide Maria, por me receberem tão bem, pelo apoio e pelas conversas. Considero vocês minha segunda família. Obrigada por tudo. Amo vocês.

Ao meu orientador, Maciel Henrique Carneiro da Silva, agradeço profundamente pela paciência, sabedoria e dedicação ao me orientar e auxiliar no desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações foram fundamentais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até aqui. Sou extremamente grata por todo o apoio, especialmente por não ter desistido de mim nos momentos mais difíceis e por ter sido sempre tão compreensivo. Sua confiança e incentivo foram essenciais para que este trabalho se concretizasse. Muito obrigada por tudo!

Aos meus professores da Licenciatura em Geografia do IFPE - Campus Recife, agradeço imensamente por contribuírem para a minha formação, não apenas no aspecto acadêmico, mas também no desenvolvimento pessoal e humano. Em especial, agradeço à professora Clézia Aquino e aos professores Wedmo Rosa, Adauto Gomes, Mário Melo, Joazadaque Lucena e Nielson Bezerra. Cada ensinamento, conselho, paciência e apoio ao longo dessa jornada foram fundamentais para o meu crescimento. Muito obrigada a todos!

Por fim, agradeço ao IFPE por proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento deste trabalho e o meu crescimento ao longo do curso. Agradeço também a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização do trabalho. Deixo aqui a minha sincera gratidão.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo explorar a identidade cultural do município de Lagoa do Carro, Pernambuco, com foco na tapeçaria e no papel das mulheres tapeceiras na formação e preservação dessa identidade. A pesquisa aborda a história da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC), fundada oficialmente em 1989, e como essa organização tem sido central na promoção e valorização da tapeçaria como expressão cultural e econômica. Por meio de métodos qualitativos, como entrevistas e pesquisa documental, o estudo busca compreender como as práticas artesanais e as narrativas das mulheres tapeceiras contribuem para a identidade coletiva de Lagoa do Carro. Assim, o trabalho aborda a história do município e seus símbolos, como a agulha no brasão; a criação da ASTALC e os desafios enfrentados para tornar o município conhecido como Terra do Tapete; e o orgulho das artesãs, destacando o artesanato como elo entre pessoas, lugares e cultura.

Palavras-chave: Identidade cultural; artesanato; mulheres; tapeçaria.

ABSTRAC

This Final Course Work (TCC) aims to explore the cultural identity of the municipality of Lagoa do Carro, Pernambuco, with a focus on tapestry and the role of women tapestry makers in the formation and preservation of this identity. The research addresses the history of the Association of Tapestry Makers of Lagoa do Carro (ASTALC), officially founded in 1989, and how this organization has been central to the promotion and appreciation of tapestry as a cultural and economic expression. Through qualitative methods, such as interviews and documentary research, the study seeks to understand how the artisanal practices and narratives of women tapestry makers contribute to the collective identity of Lagoa do Carro. Thus, the work addresses the history of the municipality and its symbols, such as the needle on the coat of arms; the creation of ASTALC and the challenges faced to make the municipality known as Terra do Carpet; and the pride of artisans, highlighting crafts as a link between people, places and culture.

Keywords: Cultural identity; craftsmanship; women; tapestry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Brasão de Lagoa do Carro.....	32
Figura 2 - O Roncador, Rio Tracunháem.....	38
Figura 3 - Barragem de Lagoa do Carro.....	39
Figura 4 - Museu da Cachaça de Lagoa do Carro.....	40
Figura 5 - Placa de entrada do município de Lagoa do Carro.....	42
Figura 6 - Registros da 10 ^a , 9 ^a , 15 ^a e 2 ^a FETALC. 8A – 10 ^a Fetalc realizada em 2011; 8B – 9 ^a Fetalc em 2010; 8C – 15 ^a Fetalc ocorreu em 2024; 8D – 2 ^a Fetalc aconteceu 1998.....	46
Figura 7 - Registro da antiga e atual sede da ASTALC. 5A - Registro de 1996; 5B - Registro de 2024.....	54
Figura 8 - Tapeceira realizando medições de uma peça de tapeçaria.....	58
Figura 9 - Tipos de desenhos realizados na fabricação de tapetes pelas tapeceiras do município de Lagoa do Carro - PE da ASTALC. 9A - Geométrico; 9B - Floral; 9C - Colonial; 9D - Desenhos livres.....	68
Figura 10 - Materiais e passo a passo para a elaboração do tapete. 10A - Paleta de cores; 10B e 10D - Desenho inicial; 10C - Tela, lã e agulha; 10E - Preenchimento do tapete.....	68
Figura 11 - Registro antigos da produção de tapetes. 11A - Costurando o tapete; 11B e 11C - Aplicação de cola para acabamento; 11D - Desenho inicial no tapete.....	69
Figura 12 - Panfletos de algumas Feiras do Tapete e Artesanato em Lagoa do Carro - PE (FETALC). 12A - 13 ^a Fetalc realizada em 2019; 12B - 2 ^a Fetalc que ocorreu em 1998; 12C - 1 ^a Fetalc elaborada no ano de 1997; 12D - 8 ^a Fetalc e 4 ^a Festival da Cachaça em 2009; 12 E - 10 ^a Fetalc e 6 ^a Feira Cultural da Cachaça de Lagoa do Carro realizadas em 2011; 12F - 11 ^a Fetalc realizada em 2012; 12G - 15 ^a Fetalc realizada em 2024.....	69
Figura 13 - Tapetes expostos na ASTALC para comercialização.....	70
Figura 14 - Tipos de peças elaboradas e costuradas pelas tapeceiras da ASTALC em Pernambuco. 14A - Peso de porta; 14B - Passadeira; 14C - Bolsa; 14D – Almofada.....	70
Figura 15 - Reratificação do Contrato particular de doação do terreno da ASTALC	71
Figura 16 - Estrutura do PROCRIART (Programa de Apoio à Criança e ao Adolescente em Arte Tapeçaria).....	71
Figura 17 - Estrutura do PAT (Programa de Apoio à Tapeçaria).....	72

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
3.1 Gênero, tradição, artesanato e identidade cultural presente em Lagoa do Carro – PE.....	18
3.1.1 <i>Gênero e a desigualdade sexual do trabalho.....</i>	18
3.1.2 <i>A figura feminina e a prática do artesanato.....</i>	21
3.1.3 <i>A tradição que acarretou na Identidade Cultural do município.....</i>	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	32
4.1 História do município de Lagoa do Carro.....	32
4.1.1 <i>A formação e o desenvolvimento do município.....</i>	32
4.1.2 <i>A identidade cultural do município criada pela tapeçaria e pelas mulheres tapeceiras.....</i>	41
4.1.3 <i>Início da atividade artesanal no município e criação da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC).....</i>	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERENCIAS.....	61
APÊNDICE A – ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS.....	65
ANEXOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

O artesanato surgiu há muito tempo na história da humanidade, através da necessidade do homem de criar objetos que o auxiliassem na sobrevivência diária. Na confecção de roupas, objetos diversos e até pinturas, a produção de produtos artesanais visa o mercado, com o intuito de gerar renda e sustentar muitos. Há diversas formas e tipos de criação desses objetos, à medida que cada povo possui uma em específico que passa a integrar a identidade cultural deles, unindo determinados elementos ao grupo étnico. Assim, pode-se dizer que, na análise de certas características específicas, é possível identificar um povo e/ou um lugar, como ocorre no reconhecimento da cidade de Lagoa do Carro, denominada Terra do Tapete.

No município de Lagoa do Carro, no interior do estado de Pernambuco, localizado na Zona da Mata Norte, a uma distância de 60 km da capital Recife, os moradores na década de 70 usufruíram de uma grande oportunidade de entender e aprender a prática do artesanato na fabricação de tapetes. Atualmente, o município conta com uma população de aproximadamente 18.429 habitantes e uma área territorial de 69.666 km², segundo o último censo do IBGE. Tal atividade iniciou-se no município por Tereza Lira, a primeira tapeceira de Lagoa do Carro, que já confeccionava tapetes para a Tapeçaria Casa Caiada, na cidade do Recife. A então precursora da tapeçaria foi residir em um distrito da cidade de Carpina, já que, até então, o município de Lagoa do Carro não havia adquirido sua emancipação política.

Inicialmente, a agricultura era a única atividade econômica do lugar, mas com a chegada de Tereza Lira nasceu a segunda forma de atividade econômica do município. Ela se disponibilizou a repassar tal atividade a todos os moradores do local que tivessem interesse, fossem homens ou mulheres. Entretanto, as mulheres foram e ainda são a maioria, além de serem as responsáveis por continuar o legado deixado por Tereza. Desse modo, essa atividade trouxe para as mulheres locais a autonomia econômica, a participação ativa na renda familiar e, conseqüentemente, a chance de poder tomar decisões referentes à renda da casa, além do reconhecimento da figura feminina no município. Devido a isso, atualmente, a produção de tapetes é uma referência como identidade de Lagoa do Carro, que atrai

turistas, para a então conhecida por todos do estado de Pernambuco e do restante do país como a Terra do Tapete.

Até então, a figura feminina que sempre estava presente na ocupação das áreas de trabalho na educação, saúde, serviços sociais e, principalmente, no serviço doméstico (remunerado e não remunerado), inseriu o artesanato em uma esfera econômica com um status maior do que antes no município de Lagoa do Carro. No combate ao patriarcado, que é um grande influenciador para a permanência dos obstáculos aos trabalhos destinados às mulheres.

Na divisão do trabalho dada aos nossos pais dentro de casa, o patriarcado está presente, mais especificamente nas experiências domésticas impostas pela sociedade, onde a mulher permanece em casa cuidando da estrutura do lar e dos filhos, enquanto o homem sai para o trabalho formal (Pereira, 2021, p.15).

A escolha do tema foi motivada pela representatividade dos cidadãos com a identidade cultural do território como a Terra do Tapete e pelo destaque da figura feminina nessa construção identitária. O problema de pesquisa é: de que forma o trabalho das tapeceiras tem contribuído para a construção e fortalecimento da identidade cultural de Lagoa do Carro-PE por meio da produção artesanal de tapetes.

O presente trabalho tem o objetivo geral de compreender a influência das mulheres no fortalecimento da identidade cultural de Lagoa do Carro por meio da produção artesanal de tapetes produzidos por elas. Ademais, os objetivos específicos buscam: contextualizar como se deu o início da produção de tapetes artesanais em Lagoa do Carro; analisar o papel dos agentes e as respectivas ações que levaram à consolidação dessa atividade no território estudado e discutir a identidade cultural de Lagoa do Carro por meio da produção feminina de tapetes artesanais. A relevância do tema se dá devido às conexões criadas entre a identidade cultural do município e o destaque da figura feminina.

Este trabalho investiga a identidade cultural de Lagoa do Carro, Pernambuco, explorando como a tapeçaria e o papel das mulheres artesãs contribuem para a formação e preservação dessa identidade. O estudo começa pela análise histórica do município, desde o período em que integrava a capitania hereditária de Pernambuco, passando pela sua formação, nomeação e emancipação até o presente. O brasão municipal, que inclui a agulha como símbolo, é abordado para evidenciar os elementos que representam a identidade cultural local. Em seguida, o

trabalho examina o orgulho e o sentimento de pertencimento das artesãs em relação à tapeçaria, ressaltando como o artesanato conecta as pessoas, os lugares e a cultura, contribuindo para a coesão social e para a identidade coletiva de Lagoa do Carro. Por fim, o foco recai sobre a criação da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC) e o processo enfrentado pelas mulheres para estabelecer e preservar essa prática, que transformou o município na "Terra do Tapete" e impulsionou sua economia.

2 METODOLOGIA

A base metodológica deste trabalho se fundamenta na premissa de um estudo de caso, com viés etnográfico e qualitativo, que empregou dados e informações não numéricas. Segundo Gil (1991, p.58) o estudo de caso se destaca por seu estudo profundo e minucioso de um ou de um número limitado de objetos, de modo a proporcionar um conhecimento amplo e detalhado desses casos específicos. O presente estudo de caso etnográfico visa abordar de modo específico a identidade cultural do município de Lagoa do Carro através do artesanato produzido por mulheres.

Ainda de acordo com Gil (1991, p.34) o estudo de caso está relacionado com a reconstrução da história do indivíduo e a etnografia de acordo com Mattos (2011, p.51) tem como objetivo estudar e descrever os povos, suas línguas, raças, religiões e as manifestações físicas de suas atividades.

A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamentos manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos (Mattos, 2011, p.51).

Segundo Martucci (2001, p.174), o estudo de caso etnográfico busca compreender e descrever o processo enquanto o objeto de atenção for um fenômeno atual que ainda ocorre em uma situação da vida real. Este estudo teve o intuito de aprofundar-se acerca da temática e foi possível compreendê-la de modo detalhado, dentro do exequível.

Ainda de acordo com a mesma autora, “um estudo de caso etnográfico possui três momentos: uma etapa inicial de planejamento, uma etapa prolongada de trabalho de campo ou de coleta de dados e uma etapa final de sistematização e elaboração do relatório final da pesquisa” (Martucci, p.174). Dessa forma, para conduzir esse tipo de estudo, foi crucial realizar um planejamento meticuloso e cuidadoso no que diz respeito à coleta de dados. Esta coleta de dados está interligada com outros métodos, como a pesquisa bibliográfica e documental, que envolve a análise da literatura existente sobre o tema e a análise de documentos que sustentam e validam as condições investigadas nesta pesquisa.

Para Gil (1991, p. 48 e 51) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e a pesquisa documental é semelhante a ela, mas a diferença está nas fontes. A primeira pesquisa se baseia na contribuição de vários autores, enquanto a segunda pesquisa utiliza materiais não analisados, podendo ser adaptados à pesquisa.

Para alcançar os resultados esperados, a presente pesquisa contou com levantamento bibliográfico pertinente ao tema para a construção do referencial teórico, além da pesquisa documental que incluiu a verificação dos artefatos disponíveis na Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC) referentes à atividade artesanal em estudo e documentos de uma das tapeceiras acerca dos anos iniciais da atividade.

A pesquisa bibliográfica foi dividida entre o acervo da Biblioteca Pública Municipal José Barbosa de Souza, localizada na cidade, e a consulta a textos acadêmicos disponíveis na internet. O objetivo foi encontrar documentos e fontes que relatassem a história da tapeçaria local, desde seu início até o momento em que passou a ganhar maior destaque no município. No acervo da biblioteca, foi possível consultar o livro “Retrato de um povo em contos, versos e prosa”, de Cícero Antônio da Silva, autor local, que oferece uma introdução à ocupação do município, ainda enquanto distrito de Carpina, sua emancipação política, além de abordar o turismo local, a cultura, as religiões e outros aspectos afins.

Além disso, a pesquisa documental, por sua vez, ocorreu com a visita à casa da fundadora da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC), onde foi possível acessar documentos históricos fundamentais para a construção da identidade cultural da cidade. Entre os documentos encontrados, destacam-se o projeto do Programa de Apoio às Tapeceiras (PAT)¹, o projeto do Programa de Apoio à Criança e ao Adolescente em Arte Tapeçaria (PROCRIART, 1998), o documento de doação do terreno da ASTALC pela prefeitura local (2001) e o primeiro livro de Atas de reuniões das tapeceiras (1988). Foram tiradas fotografias utilizando um dispositivo móvel, um celular Samsung A31, e depois analisadas. Esses documentos forneceram informações importantes sobre a organização, as atividades e os impactos desses programas para promover a tapeçaria como uma expressão cultural significativa na cidade.

¹ Não foram encontradas informações específicas sobre o ano do programa nas fontes consultadas.

Também com o intuito de atender aos objetivos da presente pesquisa, o outro procedimento foi a realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres tapeceiras associadas a ASTALC, preferencialmente as que ocupam funções-chave nessa associação. Gil (1991, p.90) define a entrevista como “a técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde”. Com esse tipo de entrevista foi possível ter uma maior tranquilidade e abertura para novas abordagens que não estavam nas perguntas do roteiro da entrevista, mas foram levantadas pelas entrevistadas.

Durante os meses de junho, agosto e outubro de 2023, foram realizadas as entrevistas. O critério para escolha das entrevistadas foi pelo tempo de inserção na Associação e as lideranças. Foram selecionadas cinco mulheres tapeceiras associadas à ASTALC: a 1ª presidente e vice-presidente da Associação, a atual presidente, uma das tapeceiras antigas e a mais recente associada. Vale destacar que apenas uma das entrevistas foi realizada na sede da própria ASTALC, com uma das tapeceiras mais antigas. As entrevistas com a 1ª presidente e a vice-presidente da Associação foram realizadas em suas respectivas residências. A entrevista com a atual presidente, que além de ser tapeceira também faz parte do poder público, ocorreu no prédio da Secretaria de Turismo da Prefeitura de Lagoa do Carro. Já a entrevista com a tapeceira mais recente foi conduzida remotamente, por meio da plataforma de mensagens WhatsApp. Essa escolha metodológica se justifica pela limitação de tempo da entrevistada.

Para a condução das entrevistas, adotamos uma abordagem que empregou materiais e equipamentos essenciais para a coleta de dados. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio utilizando o aplicativo “Gravador de Voz” em um dispositivo móvel, um celular Samsung A31, para posterior transcrição. Além disso, foi desenvolvido um roteiro de entrevista semiestruturada, anexado como Apêndice A, que serviu como guia para a interação com as entrevistadas. As entrevistas gravadas foram posteriormente transcritas com o auxílio do serviço de reconhecimento de voz disponível no Google Docs, onde foram convertidas em texto, facilitando a análise detalhada dos dados.

Além disso, na observação direta da produção artesanal, foi realizado o registro fotográfico do processo de criação das peças de tapeçaria, das peças expostas para venda na ASTALC e do processo de criação dos tapetes nas residências. Na Associação havia cerca de cinco salas com objetos de tapeçaria

armazenados, como é o caso dos tapetes grandes, enquanto as peças menores, como pesos de porta, estavam expostas na entrada da Associação.

O primeiro contato foi com uma das tapeceiras responsáveis pela Associação naquele dia, visto que há uma escala para definir qual mulher ficará responsável pelo cuidado da ASTALC, dessa forma todos os dias há mulheres diferentes. Enquanto estão no local, as tapeceiras não apenas comercializam os produtos, mas também os confeccionam e finalizam aqueles que são produzidos em casa.

Desse modo, após o trabalho de campo, foi realizada a análise de conteúdo dos dados coletados para a construção da redação do trabalho monográfico. Por meio desses procedimentos, foi possível compreender detalhadamente o processo de inclusão da mulher na prática do artesanato, permitindo responder aos objetivos propostos na pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Gênero, tradição, artesanato e identidade cultural presente em Lagoa do Carro – PE

3.1.1 Gênero e a desigualdade sexual do trabalho

A definição de "gênero" leva a um debate que gera diversas discussões acerca da real definição da palavra, por isso o conceito de gênero, atualmente, é entendido e tido como sinônimo de sexo e sexualidade, com isso os três termos são associados uns aos outros. Mesmo os três possuindo ligação, as definições são bem diferentes, já que o sexo está relacionado as características biológicas e são determinadas pelas genitálias, diferente da sexualidade que faz referência a orientação sexual de uma pessoa, ou seja, diz respeito aos gêneros que essa pessoa sente atração sexual (Moraes; Medeiros, 2021). Isto é, os três termos podem até possuir ligações entre si, mas possui a sua particularidade e consequentemente é necessário dar uma maior relevância aos debates acerca desses termos.

A definição proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o "gênero" é:

Gênero refere-se às características de mulheres, homens, meninas e meninos que são socialmente construídas. Isso inclui normas, comportamentos e papéis associados a ser mulher, homem, menina ou menino, bem como relacionamentos entre si. Como uma construção social, o gênero varia de sociedade para sociedade e pode mudar ao longo do tempo.

Ou seja, o gênero é as características do que se entende por mulheres, homens, meninas e meninos construídos pela sociedade ao longo do tempo, com a formulação de comportamentos, regras, hábitos e papéis a serem seguidos com base no sexo biológico do indivíduo. Essas características são determinadas por uma sociedade em uma época, mas podem ser alterados tempos depois por um novo povo e ainda diferem de nação para nação.

O conceito proposto por Scott (1989, p.7) comunga com a definição da OMS e de Saffioti (2015, p. 47), de que o gênero passa a ser um modo de

apontar as construções sociais das concepções acerca dos papéis designados aos homens e às mulheres, criados e impostos pela sociedade em que nasceram e à qual pertencem. Assim, tanto as meninas, quanto os meninos são educados e ensinados a reproduzir comportamentos e pensamentos que estão ligados ao sexo biológico.

Butler (2018, p.54) afirma que “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” Isto significa dizer que o gênero é a forma própria que irão dar ao corpo do indivíduo, seja homem ou mulher, através de ações que repetidas dentro do meio social passam a ser naturalizadas e integram a formação e construção social do indivíduo. Por exemplo, as meninas (conforme o sexo biológico) ao nascerem, na maioria das vezes, têm suas orelhas furadas pois faz parte da caracterização do ser do sexo feminino fazer uso de brincos e isso começa logo após o nascimento, para que o ser (no caso as meninas) no seu desenvolvimento compreenda quais padrões deve seguir para se encaixar no gênero feminino.

Com base no conceito de que gênero é tido como uma construção social, Beauvoir (1967, p. 9) em uma de suas frases mais famosas, destaca que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Ou seja, não são elementos naturais ou econômicos que irão determinar a forma, as regras e o papel do indivíduo na sociedade, mas sim as particularidades que serão atribuídas a cada um, mulher e homem, a partir do sexo biológico. Assim, a autora enfatiza que o indivíduo é um produto moldado pela sua formação social, pelo qual a sociedade é rígida em manter essa estrutura de construção social.

Isto é, tanto mulheres quanto homens não possuem esses comportamentos por ordem natural, mas sim em razão da influência da cultura na qual vivem, pois o processo de construção social desses indivíduos é todos os dias, principalmente dentro do ambiente doméstico. Por exemplo, os

brinquedos destinados às crianças do sexo masculino são os carros, bolas e bonecos de super-heróis, a maioria na cor azul. Já os brinquedos para as crianças do sexo feminino são as bonecas, que remetem a maternidade, e itens domésticos, como panelinhas e geladeiras, a maioria na cor rosa.

Para Kropenicki e Perurena (2017, p. 970), a brincadeira na maioria das vezes é “um momento oportuno para a preparação das crianças para a vida adulta”, e é nesse processo de desenvolvimento da vida adulta que as distinções de gênero estão presentes em várias brincadeiras, as “meninas geralmente são treinadas para serem mães e donas de casa, enquanto meninos se preparam para um futuro mais liberto e aparentemente mais autônomo, porém igualmente direcionado” (Ibidem, 2017, p. 970). Assim, esses brinquedos já preparam essa criança para o seu futuro em sociedade, onde os homens possuem maior liberdade e as mulheres aprendem a cuidar dos filhos e da casa.

As desigualdades atuais existentes entre os gêneros masculino e feminino são as marcas de um patriarcado que não existe mais ou está em seus últimos sopros de existência (Saffioti, 2015, p. 48). Isso resulta para as mulheres a luta para buscar melhores condições, com igualdade na sociedade perante a figura masculina, onde elas também possam receber salários justos conforme os empregos e cargos que ocupam. Entretanto, ainda permanece, de modo dominante, os papéis designados à mulher pela sociedade no campo doméstico, como donas de casa, mães, cuidadoras etc. por culpa da divisão do trabalho com base no sexo, criada pela cultura patriarcal.

De acordo com Kergoat (2009, p.67), que tem foco nas relações sociais de sexo, pode-se entender que:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.). Essa forma de divisão do trabalho tem dois princípios organizadores: o de separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o de hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher).

A divisão sexual do trabalho obedece o critério do sexo biológico (Saffioti, 2015, p.61) e na partilha das atividades com base nisso apresenta “sinais de

hierarquia e opressão de um sexo sobre o outro”, onde as funções destinadas aos homens são colocadas como superiores se comparada com a das mulheres que são tidas como inferiores ou como complemento das atividades dos homens (Nascimento, 2016, p.341). Dessa forma, algumas atividades de caráter manual são atribuídas à figura feminina, como é o caso da costura e da agricultura familiar.

3.1.2 A figura feminina e a prática do artesanato

Para alcançar a sua independência financeira, a criatividade da mulher é acionada, mesmo com percalços e lutas elas buscaram uma forma de trabalhar remuneradamente, sem impedir suas atividades domésticas. Fazer artesanato foi a maneira encontrada por essas mulheres para sanar essa dificuldade em relação ao trabalho remunerado e gerar uma fonte de renda.

De acordo com Lima (2010, p. 17), o artesanato tem como significado uma ação, ou o resultado dessa ação, que possui como particularidade o fato de que a produção é toda manual.

Originalmente, a palavra artesanato significa um fazer, ou o resultado deste fazer, que tem por característica o fato de que todo o processo de produção é manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único instrumento de produção que o homem utiliza na confecção de um objeto (Ibidem, 2010, p.17).

O fato de que o produto é desenvolvido à mão já concede a ele um certo valor específico, o valor agregado, em virtude de que o nosso mundo capitalista possui uma grande produção em massa de produtos e isso causa uma uniformidade, excesso de produtos e todos iguais, assim o artesanato de certa forma quebra com essa estrutura.

O indivíduo que fabrica esse objeto artesanalmente pode fazer o uso de ferramentas, mas são apenas auxiliares “como um apêndice ou extensão das mãos”, sem que em nenhum momento retire a soberania do artesão (Lima, 2010, p. 17). Dessa forma, a utilização dessas ferramentas não vai definir o processo, pois o que dá a importância é o fato do trabalho ser com as mãos, que

estabelece também o ritmo produtivo que deve ser seguido e reflete os traços de quem o produz.

Assim, esses instrumentos auxiliares, seja um formão ou um pincel, uma agulha ou um martelo, um torno de olaria ou um tear de tecelagem não definem o processo, pois no artesanato o que importa é o fazer com as mãos, o fazer manual. É o gesto humano que determina o ritmo da produção. É o homem que impõe sua marca sobre o produto (Ibidem, 2010, p. 17).

A definição proposta pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022) para a palavra “artesanato” é de uma produção de caráter artístico oriundo de um lugar que mostra a sua cultura, suas tradições, o seu povo e a sua identidade cultural.

Assim, o artesanato é a transformação de tudo isso relacionado ao povo, em objetos e lembranças e de modo positivo passou a ser também uma fonte de renda, através desse meio de expressão e conseqüentemente de preservação da identidade cultural local.

Com essa prática manual, o artesanato passou a ser importante e aqui no Brasil, o tipo de artesanato que alcançou maior destaque foi o artesanato tradicional ou de raiz. Em consonância com esse conceito, Lima (2010, p.40) aborda que esse objeto carrega consigo uma manifestação de sua origem, cultura local e ainda da identidade, de quem o criou e do local onde nasceu. Isso mostra que o artesanato não é apenas um mero objeto, pois ele carrega consigo histórias, de sua origem e do seu criador.

O artesanato que é muito conhecido no Brasil como artesanato tradicional ou de raiz relaciona-se exclusivamente a um tipo de objeto que traz em si a expressão de sua origem, a marca forte da cultura em que foi gerado; um objeto capaz de traduzir tanto a sua identidade quanto daquele que o produziu, seja um indivíduo ou uma coletividade (Ibidem, 2010, p. 40).

Dessa forma, no Município de Lagoa do Carro, uma cidade do interior localizada na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, os moradores do local na década de 70 desenvolveram a prática do artesanato, na fabricação de tapetes. Atualmente, o município é caracterizado por essa atividade na produção de tapeçarias (como tapetes, almofadas, passadeiras, quadros, pesos de porta,

etc.), que possui como matérias-primas a tela, lã, linha, cola e forro (Leitão, 2005, p. 117).

Essa prática ganhou força no município na década de 70 em virtude da ausência de trabalhos formais remunerados, principalmente para as mulheres. Era defendido que o trabalho externo de sustento da casa fosse atribuído ao homem, enquanto a mulher deveria ficar responsável pelo cuidado do ambiente doméstico, isto é, foram os reflexos da divisão sexual do trabalho.

Dessa forma, a atividade artesanal se propagou entre as mulheres, pois eram elas que “tinham mais tempo”, com isso o artesanato passou a ocupar o tempo ocioso dessas mulheres e de modo positivo contribuir para sua renda financeira. Além disso, Figueiredo, Melo, Matos e Machado (2015) mostram que o fato do gênero feminino ser associado à delicadeza e à paciência, a atividade artesanal foi associada a elas.

A relação entre mulher e produção artesanal refere-se, portanto, ao baixo grau de sofisticação tecnológica da atividade, à associação entre o artesanato e os trabalhos domésticos “naturalmente” atribuídos às mulheres e à ideologia de que a mulher seria portadora de maior habilidade para o desempenho de tarefas minuciosas (Figueiredo; Melo; Matos; Machado, 2015, p. 115).

Desse modo, essa atividade trouxe para as mulheres do Município de Lagoa do Carro a autonomia econômica, a participação ativa na renda familiar e, conseqüentemente, a chance de poder tomar decisões referentes à renda da casa, além do reconhecimento e destaque da figura feminina para o município. Devido a isso, atualmente, a produção de tapetes é uma referência como identidade do município que atrai turistas, para a então conhecida por todos do estado de Pernambuco e do restante do país como a “Terra do Tapete”.

A importância deste estudo de caso sobre as Tecelãs de Tocoíós está na comparação com as tapeceiras de Lagoa do Carro, que destaca as semelhanças e diferenças nas histórias e significados que a tecelagem e a tapeçaria têm para essas comunidades. Oliveira (2020) conta um pouco acerca da história das Tecelãs de Tocoíós, mulheres moradoras de Francisco Badaró, município localizado no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, que assim como as tapeceiras de Lagoa do Carro, possuem a tecelagem como atividade econômica e ainda têm a arte de tecer como algo que dá significado à vida delas em termos

tanto sociais quanto econômicos, uma expressão cultural que proporciona um sentido de pertencimento e identidade.

Além disso, o estudo de caso das Tecelãs de Tocoíós oferece uma rica perspectiva sobre como as mulheres em diferentes regiões do Brasil enfrentam desafios semelhantes em busca de autonomia e reconhecimento por seu trabalho. Assim, essa comparação não só enriquece a discussão sobre a valorização do trabalho artesanal feminino, mas também mostra a importância da preservação das identidades culturais.

Diferente das tapeceiras de Lagoa do Carro, elas não sabem o tempo que se iniciou a arte no local, mas contam que veio de longe e é uma atividade passada de geração em geração. Assim que os maridos saíam para trabalhar na agricultura, elas utilizavam a casa como tecelagem improvisada e dessa maneira conquistaram sua fonte de renda e de autoestima através do artesanato. Para elas, tecer não é apenas um trabalho que contribui com a renda da casa, é também uma “terapia”.

Como na maioria das vezes o artesanato é uma prática passada de geração para geração, introduzida no ambiente familiar ou de uma comunidade, não é necessária uma formação acadêmica ou algum curso, pois a inspiração vem da realidade e essa atividade está integrada em suas culturas. Dessa forma, é importante culturalmente pela transmissão de conhecimento de um para o outro do seio familiar (Campos; Alquatti; Pereira, 2012), ou seja, o compartilhamento de saberes.

Em Oliveira (2020), uma das tecelãs entrevistadas conta que a inspiração para produzir as peças vem de dentro delas e elas nunca fizeram curso especializado, como o de design, por exemplo. Também chegaram a contar que desenham as casinhas como eram antigamente em Tocoíós e colocam flores ao redor dessas casas. Com isso, nota-se que há um resgate da paisagem do passado, da estruturação das casas e a flora local, resgatando assim um pouco das memórias do lugar.

Segundo Leitão (2005), a tapeçaria está há muito tempo inserida na vida de diversas mulheres do município de Lagoa do Carro, que enfatiza que essa atividade artesanal é responsável pela possibilidade de inclusão social das

tapeceiras da cidade e segundo Castilho, Dorsa, Santos et al. (2017) é uma marca que expressa a cultura do lugar. Ainda segundo esta autora:

A arte artesanal pode ser compreendida como uma expressão genuína de uma cultura que pode ser a marca de uma cultura local, pois, ao construir suas peças, o artesão expressa, por meio de uma técnica específica, o seu fazer, o seu conhecimento tácito, o qual foi acumulado das gerações pretéritas, expressividade original que marca sua cultura e territorialidade (Ibidem, 2017, p.193).

No artigo escrito por Nogueira (2017), Teresa Lira, a precursora da tapeçaria no município, comenta que um fator que fez com que ela investisse em ensinar a prática artesanal no local foi ouvir que lá contaria com várias mulheres “em situação de extrema pobreza, sem trabalho ou qualquer oportunidade”, pois na época não havia empregos na região que atendesse a demanda dessas mulheres.

Assim iniciou a prática do artesanato no território estudado, administrada pelas mulheres que construíram a identidade do lugar em que residem, pois Castells (2018, p.55) diz que “toda e qualquer identidade é construída” e foi assim que as mulheres de um município do interior de Pernambuco construíram a identidade da sua terra.

Barbosa e D’Ávila (2014) narram sobre as mulheres artesãs em Bichinho/Prados-MG que possuem também o artesanato como fonte de renda, contribuindo no turismo local e na cultura desse povo. A maioria das mulheres desse lugar aprenderam a fazer essa atividade ainda criança, pois era ensinado a elas o ofício do crochê, tido como majoritariamente do sexo feminino, e então desde cedo elas já produziam “ainda sem defini-lo como meio de sobrevivência”.

Como todas as mulheres já citadas, essas também sofrem com a sobrecarga “tendo em vista o trabalho como artesã e as atividades que envolvem a casa e os filhos e exige, também, habilidade e criatividade para que seja contornada e que ‘tudo’ seja feito” (Barbosa; D’Ávila, 2014, p. 149). Dessa maneira, observa-se nitidamente a presença da divisão sexual do trabalho enraizada e passada despercebida por grande parte das mulheres que cresceram ouvindo as suas “responsabilidades” como indivíduo do sexo

feminino, isso retira delas o direito de ter atividades básicas para um ser humano, como descansar.

Posto isso, compreende-se que a tapeçaria sempre existiu, mas foi através da figura feminina do município de Lagoa do Carro que essa prática passou a ter um valor simbólico para o local, através da produção artesanal dos tapetes. Prática essa que era passada de geração em geração para as pessoas do município, que ainda hoje se orgulham dessa atividade realizada por essas mulheres ditas ‘empoderadas’, que utilizam suas habilidades e competências para produzir e criar os tapetes.

Assim, a figura feminina que sempre estava presente na ocupação das áreas de trabalho na educação, saúde, serviços sociais e, principalmente, no serviço doméstico (remunerado e não remunerado), inseriram o artesanato em uma esfera econômica e com um status maior do que antes, no município de Lagoa do Carro.

3.1.3 A tradição que acarretou na Identidade Cultural do município

A palavra tradição deriva do latim *traditio* e tem como sinônimos palavras como transmissão e ensinamento (Cordeiro, 2012, p. 14). Já a real ideia do seu significado “é complexa e ambivalente, podendo consequentemente ser aplicada a várias situações, geralmente associadas a práticas e/ou métodos passados e ancestrais de comum utilização” (Ibidem, 2012, p.14). Isto é, a tradição pode ser compreendida como práticas, crenças, valores, costumes, histórias e até comportamentos transmitidos por gerações em uma sociedade ou determinado grupo com um viés cultural. É o “processo de sedimentação de valores e crenças” e, com isso, também uma maneira de estruturação de uma cultura que será passada por gerações (Vieira Filho, 2002, p.30). Assim, o indivíduo será moldado com base nas raízes do seu grupo e/ou comunidade.

Cada povo constrói sua própria cultura a partir de suas próprias particularidades e singularidades, fruto de uma interação entre a comunidade, a natureza e o mundo externo, que vão influenciar este desenvolvimento, pois a cultura é o modo de agir, sentir, pensar de uma comunidade. São valores, gestos, atitudes, ações carregadas de significados e sentidos. A cultura está na base da comunicação entre as pessoas, e é ela que dá sentido à vida da comunidade (Ibidem, 2002, p.28).

Para Vieira Filho (2002) a cultura é formada e criada pela relação entre a comunidade, a natureza e o mundo externo. Com base nisso, os indivíduos dessa comunidade criam a sua cultura firmados em suas características únicas, como a história, a língua, a religião, os valores e até suas vivências. Dessa forma, ele irá reproduzir o que lhe foi ensinado durante toda a sua formação.

Um exemplo de valor cultural é o da cultura indígena brasileira, onde o respeito e a valorização da natureza são ensinados desde a infância. As crianças aprendem a tratar os recursos naturais com reverência, evitando desperdícios e adotando práticas sustentáveis no seu cotidiano. Elas são educadas sobre a finitude dos recursos naturais e a importância de cuidar do meio ambiente, garantindo que as futuras gerações possam usufruir dele. Esses ensinamentos destacam a relevância dos valores culturais na formação de atitudes e comportamentos dos indivíduos.

Compreende-se assim que a cultura está ligada fortemente a todos os fatores da vida dessa comunidade, os elementos culturais possuem um imenso valor e uma relevância simbólica. Desse modo, entende-se que a cultura é uma parte fundamental da identidade e da ideia de ser parte de uma comunidade e que também ela influencia profundamente como uma pessoa percebe e vive suas experiências.

Após diversas definições de cultura ao decorrer dos séculos, Chaui (2008, p. 57) define cultura, baseada nas ideias da segunda metade do século XX, como:

[...] agora entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores [...].

Por sua vez, entende-se que a tradição tem um papel relevante na preservação da cultura local, pois mantém viva e é o que dá o real significado a representação daquele grupo, a sua identidade. Com base nisso, compreende-se

que a tradição influencia fortemente na formação da identidade cultural de um povo.

O conceito de identidade de acordo com Mello (2018), está ligado ao “pertencimento” a um determinado grupo que compartilha símbolos e significados aceitos ou não por todos, ou seja, a identidade pode ser entendida como atributos que caracterizam um povo em específico ou algum indivíduo.

Complementando esse conceito, Bauman (2005) trata a definição como algo a ser criado e que pode ser a partir do zero ou pode-se escolher opções já existentes. Isto é, são as próprias pessoas que constroem suas identidades com base em suas convivências em sociedade.

A “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais (Bauman, 2005, p.21-22).

Complementando a ideia de Bauman (2005) acerca do conceito de identidade, Castells (2018) discorre a maneira que essas identidades são construídas:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como sua visão de tempo/espço (Castells, 2018, p.55).

Há identidades que são construídas ao decorrer da vida, pois a identidade não é algo biológico e com isso ela não nasce com o indivíduo. Assim, a identidade cultural se enquadra nessa questão, pois o sujeito vai aprender como funciona essa identidade do local em que vive e conseqüentemente se identificar como tal, vai conhecer os traços que o definirão como parte daquele povo.

Exemplificando, um indivíduo nasce e é logo inserido na sociedade, se ele nasceu em um país, como o Brasil por exemplo, ele também adquirirá os traços que o fazem ser brasileiro, traços esses que caracterizam culturalmente esse povo e os formam uma nação. No Brasil, o samba é um gênero musical típico do

nosso país e além disso é uma representação da identidade cultural, uma expressão artística que reflete as raízes e a diversidade brasileira. Ele é uma manifestação de orgulho cultural, com batidas e letras que expressam as energias do povo brasileiro, não é à toa que é tido como patrimônio cultural e imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em concordância com Hall (2006, p. 8), as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Isto é, a identidade cultural de um indivíduo é o reflexo de onde ele está inserido socialmente e é construída com o passar do tempo. Ela representa um senso de pertencimento e é a essência de uma comunidade, o que os caracteriza e os diferencia dos demais grupos.

Vargas e Fialho (2019, p.7) apresentam as questões responsáveis pela construção e fortalecimento da identidade cultural de um lugar:

São estas questões que constroem e fortalecem a identidade cultural da sociedade de um determinado local. São os elementos históricos, culturais e simbólicos, alguns materializados, como as peças artesanais, e outros não, como o sentimento de pertencimento ao lugar, que criam singularidades, sinergias e constroem o sentido de identidade das comunidades e o cenário para a estruturação de um mercado de produtos simbólicos.

Belchior (2017, p.8) defende que “a participação popular no ofício de artesão, por exemplo, congrega parte da comunidade local e os sentimentos de identidade, pertencimento e valorização comunitária são percebidos, mas para se manterem, precisam ser estimulados constantemente”. Ou seja, o local em que vivem precisa dar relevância à prática, com políticas públicas, ligadas ao artesanato.

No município de Lagoa do Carro uma vez por ano é realizada a Festa do Tapete, com o intuito de valorizar essa importante atividade local, que contribui para o desenvolvimento econômico e o fortalecimento da cultura. Beltrão (*apud* Trigueiro, 2015, p. 67) declara que é através das festas que os indivíduos pertencentes homenageiam, honram ou rememoram os elementos com os quais se identificam. Dessa forma, as ações, assim como as atividades dessas

peessoas, são uma maneira de expressar e expor “seus traços culturais”, e, portanto a sua identidade cultural. Assim, a população local se aproximará cada vez mais da sua rica identidade cultural, que no caso de Lagoa do Carro, é através do artesanato, e se reconhece e relembra sobre a prática que tornou o município conhecido.

Em Pernambuco a criatividade da população é imensa. Não é só a Terra do Tapete que produz artesanato no Estado, municípios vizinhos também compartilham dessa atividade, o fazer artesanal é um dos grandes patrimônios do povo pernambucano e passou a ser uma parte da atividade econômica do Estado (Artesanato, [s.d]).

A começar pelo município de Tracunhaém, Mata Norte, não tão distante do município estudado, que é a terra do artesanato de barro, produtor de diversas esculturas feitas através desse material; posteriormente tem-se o município de Passira, Agreste Setentrional, que assim como Lagoa do Carro, trabalha com linhas, na produção de renda e bordados; o município de Caruaru, no Agreste, famoso pelas obras do artesão Mestre Vitalino, com a fabricação de bonecos de barro; em Carpina, cidade vizinha a Lagoa do Carro, encontram-se bonecos (mamulengos, fantoches e marionetes) feitos de madeira e, mais distante, especificamente no Sertão do Moxotó, o município de Ibimirim é famoso pela produção de santo feitos de madeira. E tantos outros municípios do Estado que contribuem com a cultura do seu lugar de origem, apresentam para todo o Brasil e aos admiradores da arte um pouco da história de suas terras.

Atualmente, segundo Mello (2018) a discussão no Brasil em relação ao destaque do artesanato se dá pela relevância da atividade no crescimento da introdução socioeconômica de uma grande parcela da população e “pelos valores simbólicos transmitidos pela produção artesanal, acionando sentidos cada vez mais estimados pelo público consumidor. Portanto, é possível afirmar que cada vez mais o artesanato tem sido acionado nas estratégias que se tecem em nome do desenvolvimento dos territórios” (Ibidem, 2018, p.144).

Pois, com a atração de turistas fascinados pela arte para esses lugares que produzem artesanato, há também o desenvolvimento da economia local, assim o artesanato contribuirá para o meio como um todo, na cultura, no turismo, na economia e no social. “O artesanato carrega consigo a ideia do popular e,

subsidiário, do excluído, que tem como destino a reprodução do que é tido como tradição, como memória. Este fazer está associado, muitas vezes, ao fazer que permita o sustento do artesão” (Campos; Alquatti; Pereira, 2012, p. 241).

Portanto, compreende-se que o objeto possui um grande valor e relevância, pois mesmo com sua “simplicidade” física, já que é feito com materiais do nosso cotidiano, possui um valor inestimável para aqueles que depositam um pouco de si e da sua origem na criação deles e justamente por isso chama a atenção dos apreciadores, por seu valor tradicional e cultural.

Os cidadãos do município de Lagoa do Carro encontraram na produção artesanal de tapetes, além de uma importante aliada como atividade econômica, um forte sentimento de orgulho, identificação e pertencimento com o lugar. Os produtos confeccionados por essas tapeceiras trazem os saberes históricos passados de geração à geração, inseridos na cultura local e com isso agregam um valor simbólico aos produtos artesanais fabricados por elas. Através da memória construída coletivamente escuta-se que antes de ganhar destaque através dessa identidade, o município ganhou visibilidade quando um carro de boi, carregado de tijolos, caiu na lagoa local, o que acarretou à sua nomeação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 História do município de Lagoa do Carro

4.1.1 A formação e o desenvolvimento do município

Com a colonização e a divisão das terras do Brasil, em 1535, por D. João III, Rei de Portugal, as terras que hoje são pertencentes ao município de Lagoa do Carro também já integraram a Capitania Hereditária de Pernambuco, esse fator contribuiu no processo de formação e desenvolvimento do local. Com isso, nota-se que o município em questão já passou por várias denominações, em virtude de ter sido integrada a outras terras antes de sua emancipação política, terras essas que são lembradas no brasão da cidade (Figura 1). As 4 bandeiras presentes no brasão o município fazem referência às denominações que Lagoa do Carro já possuiu. Da esquerda para a direita e de trás para frente tem-se a de Portugal, que simboliza o primeiro vínculo territorial, depois tem-se a de Igarassu, Tracunhaém e Nazaré da Mata. Além da representação das terras que Lagoa do Carro integrou, o brasão também mostra mais sobre a história da origem do lugar e a tradição do povo.

Figura 1 - Brasão de Lagoa do Carro



Fonte: WikimediaCommons (2021)

A explicação do significado do brasão do município é apresentado por Silva [200-], onde no primeiro quartel, representado por três faces unidas, significa três povos distintos, o Negro, o Branco e o Índio. O Negro, faz referência ao grupo Panela de Formiga²; o Branco, homem colonizador que fixou-se nas terras locais promovendo a construção de residências; e por último o Índigena, representando as antigas aldeias, Tabajara e Caetés, que fugiram da pressão imposta pelos colonizadores brancos, habitantes dessas terras. Ao redor deles, no fundo da imagem, há um círculo amarelo que lembra o Sol, que significa nascimento para todos e o livre-arbítrio. No segundo quartel, a figura da cruz representa a fé do povo imigrante, mas também uma homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora da Soledade, deixada pelos jesuítas que lá viveram. No terceiro quartel, representa o fenômeno que originou o nome da cidade, o carro de boi dentro da lagoa. No quarto e último quartel, uma agulha que é o símbolo da tapeçaria, da cultura e do trabalho realizado pelos habitantes locais, atualmente. Próximo a agulha há dois losangos (aparentemente) que simbolizam: o da parte superior, a cana-de-açúcar, cultura agrícola do povo e na parte inferior, refere-se a um progresso futuro esperado. A torre localizada na parte superior do brasão representa a autonomia do município e a denominação da cidadania. Em volta da aliança onde há os quatro quartéis, há um ornato que representa a cidade e por fim, na parte inferior do brasão, o nome da cidade, juntamente com uma frase que enfatiza a união e a presença do povo no dia-a-dia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Cidades (2023) o município de Lagoa do Carro está encaixado entre os vales dos rios Tracunhaém e Capibaribe, foi no vale do rio Tracunhaém que alguns dos colonizadores da Capitania de Pernambuco fixaram residências. Eles foram os pioneiros no processo de exploração das matas sombrias na procura de lugares afastados para a prática da agricultura de subsistência. Os madeireiros seguiam a mesma trilha, mas rio acima, na procura de sítios que ainda não haviam sido encontrados pelos donos do açúcar. E as matas litorâneas estavam sendo desmatadas, onde nas matas e vales dos rios ia-se estabelecendo a atividade canavieira, que conseqüentemente tirou o foco do comércio do Pau-Brasil.

² Não foi possível encontrar informações disponíveis sobre o grupo nas fontes consultadas.

Entretanto, nessa época nem todos os colonos possuíam recursos para conseguir montar um engenho, com isso nasce o pastoreio que se progrediu ao lado da agricultura e da pecuária, também ainda apresenta a atividade madeireira como importante para a fabricação de caixas utilizadas para transporte no embarque do açúcar bruto, realizado nos engenhos locais. Considera-se a datação de Lagoa do Carro por volta de 1630, devido a invasão dos holandeses na época, alguns colonizadores buscaram outros sítios para cultivo e os negros migraram para as margens do rio Tracunhaém, assim surgiu a tribo panelas de formiga, representada no brasão do município (Prefeitura de Lagoa do Carro, 2023)³.

Silva [200-] menciona que as terras do Engenho Santana, que atualmente é Lagoa do Carro, se iniciavam no Rio Capibaribe e iam em direção às margens do Rio Tracunhaém, nela havia uma lagoa com águas límpidas e potáveis que abasteciam a população, além de uma fábrica de tijolos próxima a ela. Os tijolos ali criados eram utilizados na construção das casas grandes dos colonos que chegavam na região. Próximo a lagoa havia uma estrada que era utilizada por carros de madeiras puxados por bois para transporte dos tijolos, mas à medida que chovia a lagoa transbordava, deixava a estrada escorregadia e acarretava acidentes. Em uma dessas ocasiões, um carro de boi carregado de tijolos passou próximo a lagoa, a terra deslizou, o carreiro acabou por não conseguir segurar os dois bois, caiu na lagoa e afundou. O município era conhecido como a Terra de Santana, mas após esse acidente as pessoas não mais diziam que iam para as terras de Santana, mas sim para Alagoa do Carro.

O primeiro nome dado a essas terras foi Alagoa do Carro⁴, que nesse período o local era patrimônio do Real Colégio Jesuíta de Olinda onde já havia uma capela dedicada a Nossa Senhora da Soledade e um pequeno convento nas terras denominadas por “Moreira”, mas que atualmente são o engenho Apuá I. Após o Marquês de Pombal, em 1765, expulsar os jesuítas das terras, o Real Colégio Jesuíta de Olinda, na propriedade “Moreira” resultou no início da colonização das terras de Alagoa do Carro, pois se tornaram patrimônio da fazenda nacional e posteriormente foi leiloado a vários colonos.

³ <https://lagoadocarro.pe.gov.br/lagoa-do-carro-a-terra-do-tapete/>

⁴ Não foi possível encontrar fontes disponíveis sobre o ano em que Alagoa do Carro passou a ser conhecida como Lagoa do Carro nas pesquisas realizadas.

De acordo com Silva [200-] é incerto afirmar quem foi o primeiro habitante do município, pois devido ao fato de que em 1710 todas as terras pertencentes e que já pertenceram ao lugar, na até então formação da Alagoa do Carro, pertenciam a clientela de Tracunhaém, que pertencia a Igarassu ao qual era uma parte da Capitania de Pernambuco. Com o passar do tempo os colonos iniciaram o processo de colonização e logo pode-se observar o surgimento de engenhos, casas grandes, senzalas, sítios e portugueses religiosos.

No ano de 1735, João de Amorim, um sargento-mor que possuía propriedades em Alagoa do Carro, em conjunto com sua esposa D'Ana Izabel de Amorim, decidiram doar cem braças de terras para a construção da capela em honra a padroeira venerada no local, Nossa Senhora da Soledade. Posteriormente, em 1738, outro importante homem religioso, João Manoel Cavalcante de Albuquerque Vanderlei, conhecido como Neco Barão, por ser Barão de Tracunhaém e chefe do partido da região, solicitou uma imagem maior da santa para a capela local. Vinda de Portugal, chegou no dia 25 de janeiro de 1739 em uma carruagem e em seguida ela adentrou solenemente na então capela do pequeno povoado.

Como forma de agradecimento, a população local reuniu-se em frente à capela no dia 2 de fevereiro do mesmo ano e fizeram uma grande comemoração, que acontece todos os anos no município com a participação não só da população local, mas de todos das regiões próximas. A primeira festa em honra a Nossa Senhora da Soledade contou com a presença de aproximadamente 100 pessoas e nos dias atuais a procissão no dia 2 de fevereiro é considerada a maior do interior de Pernambuco e conta com mais de 30 mil pessoas. Pode-se dizer que, atualmente, é o maior evento sócio-cultural-religioso do município.

De acordo com Silva [200-], há histórias de que desde antes de 1710 já havia uma igreja nas terras de Alagoa do Carro, mas apenas pode-se afirmar, de modo oficial, que a igreja existia após a doação das terras pelo sargento João de Amorim em 8 de agosto de 1735. Ao longo dos séculos, à medida que a população e as suas necessidades espirituais cresciam, a igreja se manteve como um ponto central da vida comunitária. Já em 1954, a igreja já não comportava todos os fiéis devido ao aumento da população local, então o padre da época resolveu construir uma nova igreja maior que a anterior. No dia 20 de outubro do mesmo ano a capela foi derrubada e em setembro de 1959 foi inaugurada a nova estrutura com a presença

dos fiéis. No ano de 2002, a capela passou a ser uma paróquia e com o crescente aumento da população, em 2019 a igreja foi derrubada novamente para construção de uma matriz maior que comportasse todos os fiéis de Lagoa do Carro, atualmente ainda está em construção.

Via-se a mão do progresso chegando a nossa terra, notava-se o incrementado movimento pela ferrovia alimentando o comércio, de cana, algodão, milho, gado bovino, caprino e equinos, raízes como macaxeira e batata vendia-se em balaies cheios, coco verdes eram remetidos nos vagões dos trens para ser tomado pelos ensolarados comerciantes do centro da capital (Silva, 200-, p.26).

No ano de 1881, chegou no local a construção da estrada de ferro que passava por Lagoa do Carro em direção a Limoeiro e posteriormente para Bom Jardim. Esse fato despertou nos residentes a ideia da chegada da “mão do progresso”, em vista do grande fluxo de mercadorias e pessoas trazidos pela ferrovia. A chegada da ferrovia e o aumento do fluxo de pessoas também contribuíram para a vinda de novos residentes para o local, pois atendendo a solicitação dos filhos, os senhores de engenho compraram terras e construíram casas às margens da linha férrea. Mas também fazia-se necessário a construção de casas para seus subordinados, isso gerou um aglomerado de casas que formavam pequenas ruas, tem-se a rua da estação como uma das primeiras.

De segunda a sexta os senhores estavam nos seus engenhos, mas nos fins de semana retornavam para a vila onde encontravam compradores, os quais chegavam no trem do domingo, corretores, negociantes e caixeiros viajantes, para negociar mel, rapadura e o açúcar bruto fabricados nos engenhos. As caixas grandes utilizadas para transportar o açúcar bruto ou rapaduras e tambores de aço, mel ou cachaça vinham dos engenhos nos lombos de jumentos e eram deixados em um armazém da rede ferroviária. Esses produtos ficavam de dois a três dias no aguardo do mesmo trem de carga que vinha de Limoeiro e ia cumprindo a tarefa de colher os produtos canavieiros até pelo menos São Lourenço em destino ao porto do Recife, lá os produtos eram armazenados.

Como já mencionado, Lagoa do Carro pertenceu a Tracunhaém, Igarassu, Nazaré e depois a Carpina, entretanto durante muito tempo as pessoas do local criaram estratégias para a Emancipação Política de Lagoa do Carro. Diversos movimentos foram estruturados e estiveram frente a eles lutando pela emancipação

José Barbosa de Souza e o Deputado Mavíael Cavalcante. O governador da época Miguel Arraes, em 20 de dezembro de 1963, assinou a lei Nº 4949 - 20/12/63 que visava emancipar o distrito de Lagoa do Carro pela primeira vez, mas não funcionou. No ano de 1984, em 19 de junho, a luta com o intuito de emancipação do lugar recomeçou, com o Deputado Henrique Queiroz apresentando o projeto. Posteriormente, uma emenda a esse projeto foi proposta pelo Deputado Carlos Lapa, que lhe conferiu o título de emancipador de Lagoa do Carro.

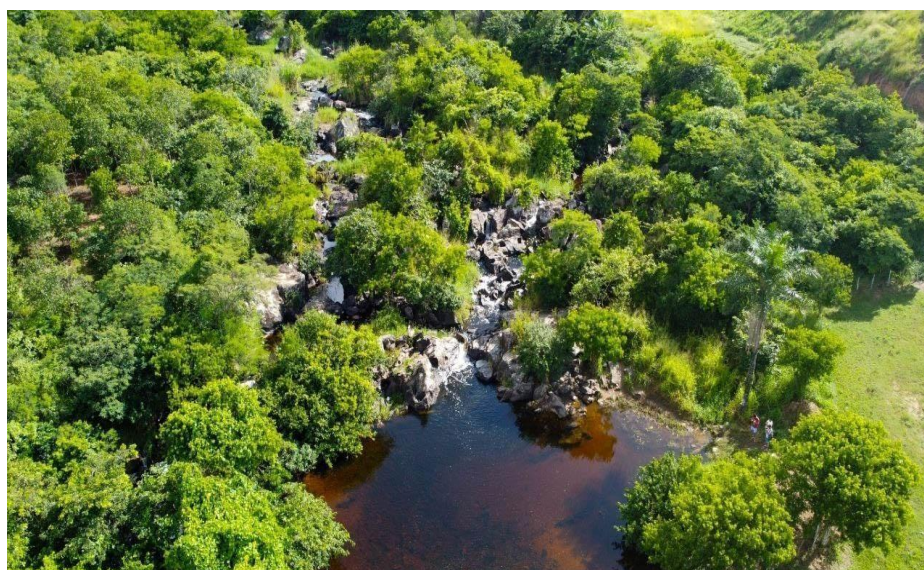
José Barbosa de Souza solicitou que Mavíael Cavalcante lançasse um projeto, então foi lançado o projeto 394/84 que criava o município de Lagoa do Carro, desagregando-o do município de Carpina. O então projeto foi engavetado, mesmo após novamente o Deputado Carlos Lapa realizar um substitutivo ao projeto citado, também foi engavetado. No dia 26 de fevereiro de 1991, o Deputado Henrique Queiroz lançou o projeto 37/91 e na mesma data e seção o Deputado Carlos Lapa lançou também o seu projeto que criava o município de Lagoa do Carro pelo projeto 23/91, aceito e aprovado pelos deputados em 25 de setembro do mesmo ano. Em 1 de Outubro de 1991, o governador do Estado na época, Dr. Joaquim Francisco, pela lei 10619 instituiu o município de Lagoa do Carro e o desmembrou do município de Carpina.

Em 1995, foi criado no município várias associações que estão conectadas ao progresso local, a que prosperou foi a Associação das Tapeceiras que continua até os dias atuais. As associações foram: 1º Pequenos produtores Rurais de Serraria; 2º Das Tapeceiras; 3º Pequenos Produtores Rurais do Vale do Capibaribe; 4º Pequenos Produtores de São Francisco; o 5º Produtores Rurais de Chã de Santana; 6º Moradores da Vila da Prata; 7º Pequenos produtores rurais de Chá de Santana e o 8º Dos moradores de Lagoa do Carro.

De acordo com Silva [200-], “A devoção, a estrada de ferro, a procissão, a festa, a lagoa de água potável e a feira em torno da capela, foram os principais elementos para a construção da história de nosso povo”, pois representaram não só a base econômica e social da comunidade, mas também os pilares que uniram e fortaleceram os laços culturais e religiosos ao longo do tempo. Esses fatores moldaram a identidade local, criando um sentimento de pertencimento e tradição que continua através das gerações.

Lagoa do Carro é lembrada não só pelo seu nome, mas também por seus elementos turísticos e culturais, o Roncador, a Barragem, a Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC) e o Museu da Cachaça. O primeiro, o Roncador (Figura 2), é o nome que foi dado ao Rio Tracunhaém pelos lagoenses do carro, devido ao fato do Rio roncar no período no inverno, já que possui muitos afluentes que despejam suas águas no Roncador.

Figura 2 - O Roncador, Rio Tracunháem



Fonte: Gerência de Meio Ambiente da Prefeitura de Lagoa do Carro (GEMAS), 2023.

A Barragem de Lagoa do Carro (Figura 3) está localizada no Rio Capibaribe e é tida como uma “muralha de defesa do Recife”, contra as gigantescas alterações do Rio Capibaribe. A Barragem foi construída com o nome de Carpina, inaugurada em 29 de maio de 1978 e ela ainda controla 6 mil km da área total, equivalente a 81% da bacia.

Figura 3 - Barragem de Lagoa do Carro



Fonte: Gerência de Meio Ambiente da Prefeitura de Lagoa do Carro (GEMAS), 2023.

O famoso Museu da Cachaça (Figura 4), fundado em 12 de outubro de 1998, considerado o maior do mundo foi reconhecido pelo Guines Book 2000 como maior colecionador de cachaça do mundo, com mais de 5 mil tipos de cachaça de todos os estados brasileiros e de mais de 24 países. O dono buscava mostrar que através das cachaças era possível ver por meio dos rótulos toda a cultura e costumes de um povo, dos mais variados temas como fauna, flora, religião, futebol, ritmos musicais etc. E nos dias 16 a 18 de novembro de 2001, Lagoa do Carro realizou o 1º Festival de Cachaça e Cultura Regional, com o intuito de valorizar a cultura local.

Figura 4 - Museu da Cachaça de Lagoa do Carro



Fonte: Museu da Cachaça Oficial, 2022.

O artesanato no município, por meio da tapeçaria, chegou através de Tereza Lira a primeira tapeceira do município, na década de 1970. Ela já confeccionava tapetes para a Tapeçaria Casa Caiada, na cidade do Recife, e veio residir em um distrito da cidade de Carpina, até então o município de Lagoa do Carro não havia ainda adquirido sua emancipação política. Buscou pessoas interessadas em aprender a atividade e se disponibilizou a ensiná-las, independentemente do gênero, todavia apenas as mulheres se interessaram em conhecer essa atividade. Devido a isso, atualmente, a produção de tapetes é uma referência como identidade da cidade de Lagoa do Carro que atrai turistas apreciadores da arte, para a então conhecida “Terra do Tapete”.

A arte popular e manual está a cada dia registrando nossa cidade com o nome de "Terra do Tapete" graças ao trabalho desenvolvido por nossos artesãos que aqui iniciaram em 72 e 73, aproximadamente, através de atravessadores que trabalhavam para as fábricas de tapetes Casa Caiada e Camaragibe (Silva, 200-, p.48).

Leitão (2005) menciona que atualmente Lagoa do Carro é caracterizada por essa especialidade, a produção de tapeçarias como tapetes, almofadas, passadeiras, quadros, pesos de portas etc., que possuem como matéria prima tela,

lã, linha, cola e forro. Essa atividade passou a ser uma das principais fontes de renda dos munícipes, pois possibilitou uma melhoria na qualidade de vida e ainda possibilitou um avanço no desenvolvimento local.

Graças a fabricação do tapete, para nossa população a maioria sem renda suficiente para se manter, pois com as vendas dos engenhos e a derrubada das casas dos moradores, Lagoa do Carro se tornou uma pequena cidade, inchada, salvando-se os que conseguiram se aposentar ou então os que o município conseguiu admitir; os demais são salvo pelo gongo, isto é: pela confecção de tapetes, fonte de renda dos humildes (Silva, 200-, p.48).

No ano de 1988, as tapeceiras insatisfeitas com as condições de trabalho propostas pelos atravessadores, decidiram lutar por melhorias no seu trabalho, pois acreditavam que estavam sendo mal remuneradas em comparação ao trabalho que faziam. Como forma de resolver esse problema criaram a Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro, no dia 29 de dezembro do mesmo ano, com 76 membros se instalaram em uma sede provisória.

4.1.2 A identidade cultural do município criada pela tapeçaria e pelas mulheres tapeceiras

Terra do Tapete é assim que Lagoa do Carro é conhecida fora de seus limites. O município também tem outras riquezas, mas foi através da arte da tapeçaria que a fama e visibilidade dessa cidade passou por seus limites territoriais e viajou o Brasil e o mundo. Tudo isso foi graças às mulheres tapeceiras do município, que iniciaram a fabricação, a maioria delas por necessidade, mas acabou se transformando também em amor, por esse saber fazer.

O conceito de identidade para Bauman (2005) é de algo inventado e não encontrado por acaso, isto é, precisa ser criado e cultivado ao longo do tempo. É notório esse processo na trajetória das tapeceiras de Lagoa do Carro, pois, ao longo de anos de luta e persistência, construíram e continuam a preservar sua identidade cultural. Elas moldaram essa identidade com esforço e dedicação, demonstrando que a criação e preservação de uma identidade é um processo contínuo.

Como já mencionado, a identidade é o reconhecimento com algo, mas também é a preservação, o cuidado e a valorização, para gerar o fortalecimento e a permanência. Para Vargas e Fialho (2019), os elementos como os culturais,

especificamente na figura do artesanato, é um dos responsáveis por criar e fortalecer a identidade cultural de um local.

Desse modo, a tapeçaria de Lagoa do Carro não é apenas uma arte, mas o símbolo vivo da identidade cultural do município, construída pelas mãos habilidosas das mulheres locais. Ao longo de décadas, essa atividade se tornou responsável por moldar a forma como a cidade vai ser vista, tanto dentro quanto fora de seus limites territoriais.

A história da tapeçaria no município teve um início simples, com mulheres que, inicialmente, produziam os tapetes por necessidade financeira. Elas enfrentavam a falta de recursos e a exploração dos atravessadores, que visavam apenas lucrar com a comercialização dos produtos. No entanto, essa prática não trazia benefícios para as tapeceiras, pois o trabalho realizado era inversamente proporcional à remuneração recebida — muito trabalho para pouco retorno financeiro. No entanto, isso não as impediu de se organizar e lutar pela valorização de sua arte.

Assim, como detalhado no capítulo anterior, elas se uniram e criaram a Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC), com o objetivo não apenas de libertar essas mulheres dos atravessadores, mas também de conquistar autonomia sobre o processo de produção, além de dar visibilidade à atividade e ao município. Dessa forma, após unirem suas forças e consolidarem a ASTALC, elas transformaram a tapeçaria em uma marca registrada da cidade, cujo título está gravado na placa de entrada do município (Figura 5), lembrando permanentemente sua identidade cultural e transmitindo essa mensagem a todos que chegam.

Figura 5 - Placa de entrada do município de Lagoa do Carro



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Além disso, a tapeçaria trouxe uma nova forma de empoderamento para essas mulheres. Antes, elas eram dependentes dos atravessadores, que controlavam tanto os preços quanto o formato dos produtos. Com a criação da ASTALC, elas conquistaram autonomia, passando a ter liberdade para criar, produzir e negociar suas próprias peças. Essa independência foi fundamental, não apenas para a valorização da arte local, mas também para o reconhecimento social e econômico das tapeceiras.

A tapeçaria também foi a responsável por impulsionar o turismo e a economia local, atraindo além de visitantes, os compradores de diversas regiões interessados nas peças artesanais. Dessa maneira, o município além de fortalecer a sua identidade cultural, também encontrou na arte uma maneira de promover o desenvolvimento local.

Com a divulgação da ASTALC e da tapeçaria através dos canais de comunicação, houve um aumento significativo na visibilidade, atraindo turistas e apreciadores da arte. No entanto, uma outra estratégia eficaz para ampliar esse alcance é a participação em feiras de artesanato. Nessas feiras, as tapeceiras têm a oportunidade de apresentar seu trabalho diretamente ao público, permitindo que pessoas de outras regiões conheçam de perto a riqueza da tapeçaria de Lagoa do Carro, além de comercializarem suas peças, ampliando a rede de consumidores e fortalecendo a economia local. No entanto, as questões financeiras tornam isso mais difícil.

Porque quanto menos feiras a gente faz, menos a gente tá sendo visto, né? Porque a feira foi uma das coisas que fortaleceu Lagoa do Carro também como Terra do Tapete. Porque muitas vezes as pessoas olham para a gente e não lembram nem do nome, mas lembram de onde a gente é, então: “Olha a menina de Lagoa do Carro, olha a menina do tapete”. Isso fortalece o discurso de Terra do Tapete, mas a gente sabe que, infelizmente, a questão financeira pesa muito, né, e muitas vezes acaba que a gente não consegue ir (Rodrigues, 2023)⁵.

Porque quando a gente vai, a gente não está levando só o nosso produto, estamos levando o nome da cidade junto com a gente, né [...] Porque essa tapeçaria aqui, o nome dela foi que levou Lagoa do Carro lá fora, bem longe, foi a tapeçaria. [...] Então, eu acho que Lagoa do Carro é uma cidade pequena, mas é uma cidade muito conhecida e tem um artesanato muito forte, que é a tapeçaria (Pimentel, 2023).

⁵Risolange Rodrigues, atual presidente da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro e Secretária de Cultura, Turismo e Desporto do Município. Entrevista concedida a Maria Vitória em agosto de 2023.

A gente se sente orgulhosa, claro, de levar o nome da nossa cidade que foi carregando o nome da tapeçaria, né, que... carregar o nome da cidade para os outros lugares e ter o reconhecimento da nossa arte[...]. Então, essa importância da tapeçaria na nossa cidade, é muito mais do que a gente levar o saber, ela tem uma história, a tapeçaria na vida de cada família, tem uma história a ser contada de uma forma diferente, então isso é muito importante da gente levar assim o nome da nossa cidade, carregar essa cultura, uma responsabilidade muito grande (Silva, 2023)⁶.

Desde o início da ASTALC, as tapeceiras enfrentam dificuldades com o baixo ou até inexistente apoio para participar de feiras, especialmente as mais distantes. Nos primeiros anos da associação, o prefeito oferecia alguma ajuda, como o pagamento de metade da passagem, por exemplo. Atualmente, ainda há algum suporte, como a compra de um estande, e nas feiras mais próximas, como a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE), a prefeitura cede um carro. No entanto, a maior parte das despesas ainda fica a cargo das artesãs. Em algumas ocasiões, quando conseguem juntar algum dinheiro, elas se unem para adquirir mais estandes, aumentando a visibilidade de seu trabalho. Contudo, quando se trata de feiras distantes, a participação é menor, tanto pela falta de recursos quanto pelas limitações físicas, já que muitas tapeceiras têm idade avançada, o que torna as viagens e o manuseio da tapeçaria mais difíceis.

Quando o mundo não tava tão difícil, tinha muita feira fora, a gente ia pra feira em Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul [...] e a prefeitura ajudava na passagem, mas de lá pra cá ficou mais difícil porque as passagens são muito caras, entendeu? [...] a prefeitura dava uma parte, dava a passagem, mas precisava pagar lá pousada e alimentação, era de duas pessoas, aí a gente deixou de ir porque tinha feira que às vezes não recompensava ir, se vendia, mas pelo custo que se gastava era ruim (Pimentel, 2023).

Além dessas dificuldades financeiras, a falta de apoio também afeta a capacidade de expandir o alcance do trabalho das tapeceiras para além dos limites locais. As feiras distantes representam uma oportunidade significativa para que elas divulguem suas produções e conquistem novos mercados, mas, sem recursos e apoio adequado, essas oportunidades se tornam inacessíveis. As tapeceiras acabam limitadas a eventos locais ou regionais, o que restringe o reconhecimento e a valorização de sua arte em nível nacional ou internacional. Mesmo com o orgulho

⁶ Soledade Inês da Silva, tapeceira mais recente da Associação. Entrevista concedida a Maria Vitória, outubro de 2023.

de representar Lagoa do Carro e sua rica tradição de tapeçaria, a ausência de suporte limita o crescimento e a sustentabilidade dessa prática cultural tão importante para a identidade do município.

Beltrão (*apud* Trigueiro, 2015, p. 67) afirmam que é por meio das festas que os indivíduos "homenageiam, honram ou rememoram" os elementos com os quais se identificam, e, dessa forma, as ações e atividades dessas pessoas tornam-se uma maneira de expressar e expor "seus traços culturais", reafirmando assim sua identidade cultural. Assim, as atividades humanas refletem a identidade de um grupo, destacando seus valores e tradições culturais (Cruz, Menezes e Pinto (2008, p.16). Em Lagoa do Carro, isso é especialmente evidente através da Feira do Tapete e Artesanato em Lagoa do Carro (FETALC), realizada uma vez por ano para celebrar e preservar a identidade cultural local.

Embora a FETALC seja mais antiga que a FENEARTE – a primeira edição ocorreu em 1997, três anos antes da criação da FENEARTE, em 2000 – mas devido a falta de verbas a festa de Lagoa do Carro não foi realizada de forma contínua. Ainda assim, a FETALC (Figura 6) tem como objetivo promover a visibilidade e o reconhecimento da tapeçaria e do trabalho artesanal, reafirmando a importância dessa atividade que fez o município se destacar. Com isso, a população fortalece sua ligação com a rica herança cultural da cidade, perpetuando o artesanato como símbolo de sua identidade cultural.

Mas a Feira do Tapete é mais uma ação afirmativa sobre a tapeçaria, né? É mais uma forma da gente chamar as pessoas para ver: "Venham ver porque a gente é Terra do Tapete, venham ver a importância da tapeçaria para o nosso município". Então, a Feira do Tapete para a gente é um evento extremamente importante porque ele fala sobre a nossa identidade, né? Ele fala sobre todos nós... Por mais que a festa da padroeira da cidade seja, indiscutivelmente, a maior festa, eu acredito que a Feira do Tapete acabou entrando no coração das pessoas, porque lá no fundo, no fundo, as pessoas têm um amor pela tapeçaria (Rodrigues, 2023).

Figura 6 - Registros da 10ª, 9ª, 15ª e 2ª FETALC. 6A – 10ª Fetalc realizada em 2011; 6B – 9ª Fetalc em 2010; 6C – 15ª Fetalc ocorreu em 2024; 6D – 2ª Fetalc aconteceu 1998



Fonte: Gonçalves, 2011; 2010, 2024 e 1998.

Além disso, uma outra forma de apresentar e relembrar essa identidade aos munícipes é através do projeto "Lagoa Conhece Lagoa", que busca apresentar essa herança cultural à nova geração e lembrá-la para a antiga. O projeto tem como objetivo fortalecer o vínculo da população com suas raízes culturais e artísticas. Por meio dessa iniciativa, a ASTALC acolheu alunos da Escola Municipal e da Escola Estadual, proporcionando a eles a oportunidade de conhecer de perto o artesanato local e se conectar com a tradição que define Lagoa do Carro.

O projeto "Lagoa Conhece Lagoa" é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Lagoa do Carro, em parceria com a Secretaria de Turismo e outros atrativos turísticos da cidade, como o Museu da Cachaça, por exemplo. Os alunos participaram de atividades multidisciplinares que integram várias áreas do conhecimento, como matemática, história, física, geografia, entre outras disciplinas curriculares.

Lagoa conhece Lagoa, a gente começou com os diretores das escolas, coordenadores e supervisores, mostrando os atrativos turísticos da cidade e, depois, foi para os alunos. Eles tinham que entender qual é o projeto para depois passar para os alunos. Mas, para eles, não é apenas conhecer o

atrativo turístico, eles precisam entender qual a importância do atrativo e vivenciar isso dentro da sala de aula. Como, por exemplo, um aluno: quando ele visita a associação das tapeceiras, o que é que ele vai ver lá? Só atrativo? Não! Ele pode trabalhar uma disciplina secular, normativa, como por exemplo, matemática. Se eu não souber matemática, eu não vou conseguir fazer tapete, porque eu tenho que contar ponto a ponto para poder desenhar. Se eu errar, eu vou ter que desmanchar e voltar, né. Ali eu também vou ter que contar a história, por quê a tapeçaria é importante? Isso é história, né. Como foi que a tapeçaria chegou aqui? No mundo? Enfim, é história, né (Rodrigues, 2023).

A ação visa apresentar os atrativos da cidade e, especificamente na ASTALC, busca fortalecer a identidade cultural local. Dessa forma, crianças e adolescentes podem se conectar e desenvolver um amor pela cidade, em um encontro que promove o conhecimento e a valorização da cultura local. Essa experiência de aprendizagem envolveu não apenas o artesanato das mulheres artesãs da cidade, mas também a valorização e o desenvolvimento da cultura local. Por meio da arte, foram exploradas diversas possibilidades de cores, modelos e formas, o que reforçou a riqueza cultural de Lagoa do Carro.

A ASTALC se dedica a preservar a tradição da identidade cultural da cidade, recebendo diariamente em sua sede visitantes, alunos e turistas com o objetivo de destacar os trabalhos realizados pelas mulheres artesãs da Terra do Tapete.

Quem representa a tapeçaria no nosso município é a Associação das Tapeceiras. [...] É o único lugar que as pessoas podem ir e entender o que é a Terra do Tapete. Sem a Associação das Tapeceiras, a gente não tem nenhum lugar que possamos chegar, que possamos tocar e que possamos dizer: “Sim, isso aqui é a Terra do Tapete”. Achando ruim ou achando bom, mas ela é a representação da tapeçaria no município. Porque, quando as pessoas vêm — sejam os alunos das escolas que vão fazer um trabalho lá, sejam os visitantes ou turistas que chegam — elas vão para onde? Elas não vão visitar a casa de nenhuma tapeceira que está produzindo na calçada. Elas vão para a Associação das Tapeceiras, e é lá que elas entram, acessam, perguntam e tocam (Rodrigues, 2023).

Em 1998, foi criado o Programa de Apoio à Criança e ao Adolescente em Arte de Tapeçaria (PROCRIART) com o objetivo de beneficiar famílias de baixa renda, promovendo o bem-estar e incentivando a permanência das crianças na escola. O programa atendia 70 famílias, contemplando crianças e jovens entre 7 e 14 anos, nos turnos da manhã e da tarde. Duas monitoras, uma para cada turno, orientavam a produção de tapeçaria e auxiliavam nas atividades escolares. Além disso, o programa oferecia atendimento médico com pediatra e dentista duas vezes por semana, além de distribuir lanches diariamente para as crianças.

Essa iniciativa, uma parceria entre a Prefeitura de Lagoa do Carro e a ASTALC, também proporcionava apoio financeiro às famílias através do trabalho das crianças. Os tapetes confeccionados destinavam 40% de cada metro quadrado para a família das crianças, enquanto os outros 60% eram revertidos para o programa, garantindo a compra de materiais. O PROCRIART foi fundamental para manter as crianças na escola, oferecendo um ambiente seguro e produtivo, ao mesmo tempo em que reforçava a tradição artesanal da tapeçaria local. Ele não está mais em vigor atualmente, o que interrompeu uma importante rede de apoio às famílias e a preservação da prática artesanal entre as novas gerações.

Além desse programa, foi criado o Programa de Apoio à Tapeçaria (PAT), uma iniciativa da ASTALC que, embora não esteja mais em vigor, foi de grande importância enquanto funcionava. O PAT tinha o objetivo de fornecer aos cidadãos as matérias-primas necessárias para que eles pudessem produzir seus próprios tapetes, rompendo com o sistema de produção exploratório dos atravessadores. O programa buscava expandir a produção de tapeçaria local e gerar empregos indiretos, contribuindo para o fortalecimento e aumento da renda das pessoas beneficiadas.

O PAT oferecia suporte a artesãos que não tinham condições de adquirir o material necessário para a produção. Os materiais necessários para a produção da tapeçaria incluem dois tipos de agulhas: uma grossa para iniciar o trabalho e outra fina para o acabamento. Além disso, são utilizados outros elementos essenciais como tela, lã, cola e algodão, também para finalização dos tapetes. Em contrapartida, tanto a ASTALC quanto os artesãos tinham responsabilidades: a Associação era encarregada de distribuir os materiais, fiscalizar a qualidade dos produtos e fornecer acesso a mercados de venda, como feiras, exposições e a própria sede. O artesão, por sua vez, deveria ser sócio da ASTALC, produzir tapetes em qualquer comunidade e manter a Associação informada sobre todo o processo produtivo.

De acordo com Hall (2003, p.30), a “identidade é irrevogavelmente uma questão histórica”, relaciona-se com a luta das tapeceiras de Lagoa do Carro, que transformaram a tapeçaria em um símbolo vivo da identidade cultural do município. As mulheres tapeceiras de Lagoa do Carro, ao se organizarem na ASTALC,

desafiaram normas de gênero e transformaram uma prática artesanal desvalorizada em uma forma de arte respeitada.

A tapeçaria, inicialmente vista como trabalho doméstico, evoluiu para se tornar um símbolo da identidade cultural do município. Esse processo reflete a luta coletiva dessas mulheres, que não apenas preservaram a tradição artesanal, mas também conquistaram visibilidade e reconhecimento. Elas reivindicaram seu lugar na esfera pública, desafiando a invisibilidade atribuída ao trabalho feminino e demonstrando a sua importância e contribuições para a identidade cultural e econômica de Lagoa do Carro.

Então, acho que as dificuldades são sempre várias, até de resistência, né? Porque o fato da gente estar ali, naquela sede, é um fator de resistência feminina, de empoderamento feminino. Mas o fato só de existir já é um trabalho de resistência. Por que é um trabalho de resistência? Porque a gente se orgulha de se manter sozinha. Quem paga as contas da associação é a Associação das Tapeceiras (Rodrigues, 2023).

A tapeçaria passou a representar não só uma herança cultural, mas também um empoderamento coletivo, onde as mulheres assumiram protagonismo. Assim como Hall afirma que a identidade é moldada por fatores históricos e sociais, as tapeceiras redefiniram seu papel na sociedade, utilizando a ASTALC como um espaço de valorização de seu trabalho e de suas vozes. Assim, além de quebrar estereótipos de gênero, elas também garantiram o sustento de suas famílias, demonstrando que são capazes de afirmar seu lugar na sociedade e com uma atividade que é muitas vezes desvalorizada, o artesanato.

Por fim, a tapeçaria na vida dessas mulheres deixou de ser apenas um sinônimo de necessidade financeira e passou a representar uma prática terapêutica que traz bem-estar e satisfação. Ao se envolverem com a arte de criar tapetes, elas encontraram no ato de tecer se transformar em um sentimento de amor e pertencimento.

A tapeçaria pra mim foi importante porque foi uma arte que incentiva muito a mente da pessoa, areja muito; isso no meu modo de pensar, areja muito a mente da gente. Acho que depois que eu comecei a fazer tapetes, melhorou bastante, porque pra começar já sai um pouco de casa. Porque quando você não tem um compromisso pra canto nenhum, você fica enfiado dentro de casa que nem o pessoal diz feito banana (risos), você pode entrar até em uma depressão (Pimentel, 2023).

O artesanato me deu a felicidade; eu sou feliz porque trabalho com o artesanato também. Então, assim, se eu até tiver triste ou estressada, o

artesanato resolve. Para mim, produzir artesanato é me dar paz, é me dar um complemento que só ele poderia dar, no tocante da questão da atividade (Gonçalves, 2023).

[...] ainda tem essa questão da terapia, que faz com que a gente realmente esqueça do mundo que estamos vivendo naquele momento e nos concentremos em algo que gostamos. A terapia só funciona quando fazemos algo que gostamos; se não gostarmos daquilo, não queremos fazer e nos estressamos mais. Então, a tapeçaria funciona como terapia (risos) (Rodrigues, 2023).

A tapeçaria é importante na minha vida porque faz parte da minha essência. É gratificante saber fazer algo bonito, que desperta curiosidade nas pessoas. Ter orgulho do que a gente fez ou faz é gratificante, e a gente se sente bem em saber que criamos algo assim (leve pausa) bonito que deixa as pessoas curiosas, entendeu? (Silva, 2023).

A tapeçaria passou a ser um meio de se reconectar com sua herança cultural e fortalecer as relações comunitárias, a prática não apenas promove seu sustento, mas também preserva suas identidades e histórias. Essa transformação demonstra como a arte pode ser um meio de empoderamento e cura emocional, também concede novo significado às vidas dessas mulheres e sua relação com o trabalho.

4.1.3 Início da atividade artesanal no município e criação da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC)

Na década de 70, a tapeçaria chegou ao então distrito da cidade de Carpina, que antes mesmo da sua emancipação política já iniciava uma nova e importante página da sua história. A responsável por escrever a primeira linha para a construção do que passaria a integrar a identidade cultural de Lagoa do Carro foi uma mulher, Tereza Lira, encarregada de trazer e ensinar a arte da tapeçaria às mulheres lagoenses do carro.

Segundo Parente (2022), a então precursora, mais conhecida como Terezinha Lira, saiu do Agreste Pernambucano e foi residir no Grande Recife aos três anos de idade em razão de um emprego oferecido ao seu pai. A partir daí iniciou sua atividade na tapeçaria desde cedo. Sua mãe já bordava, e foi então que Terezinha aprendeu a cozinhar, bordar e costurar no Serviço Social da Indústria (SESI), após se casar aos 15 anos de idade, pois os colégios não a aceitavam mais como aluna. Em determinado dia, um homem ofereceu à sua mãe um tapete pequeno para confeccionar. Entretanto, a mãe de Terezinha Lira não conhecia a técnica do ponto

de tapete, conhecido como ponto de lira⁷, pois só utilizava o ponto de cruz⁸. Dessa forma, restou a então artesã realizar tal atividade, finalizar o tapete.

Devido ao bom trabalho, o primeiro contratante, a Sociedade de Tapetes de Casa Caiada, em Olinda, passou a solicitar mais encomendas. Assim, com a fabricação dos tapetes, Terezinha Lira alcançou a sua independência financeira.

O tapete me deu autonomia em relação ao meu marido que me emprestou uma certa quantidade de dinheiro para negociar e pagar de volta em um ano. Seis meses depois eu paguei e ainda comprei dois terrenos na frente da nossa casa. A partir daí, nunca mais dependi de marido, por isso que eu amava tanto o tapete (Lira, 2022)⁹.

A independência financeira levou Terezinha a trilhar novos caminhos. Aos 23 anos de idade e com três filhos, ela se divorcia do cônjuge excessivamente ciumento, que começa a persegui-la. Dessa forma, ela decide mudar de endereço e vai residir em São Lourenço da Mata, na granja do tio. A partir daí, ela começa a ensinar a técnica da tapeçaria para outras mulheres. Uma dessas mulheres é a responsável por guiar Tereza Lira até Lagoa do Carro:

Foi lá que conheci uma senhora, chamada dona Eunice, que me disse que eu deveria fazer o mesmo em Lagoa do Carro, que lá havia uma quantidade muito grande de meninas desocupadas. Nessa época, eu pegava tapete em Casa Caiada, fazia o desenho, o 'inteligente', e levava pra elas encherem. Eu dava a lã, ensinava a fazer o trabalho e pagava por ele (Lira *apud* Parente, 2022)¹⁰.

Dessa forma, ela seguiu até Lagoa do Carro e, em março de 1975, deu início ao primeiro dia das aulas de tapeçaria. Espalhou-se a notícia na, hoje, cidade de que uma mestra tapeceira ensinaria uma nova atividade a quem estivesse interessada. Com isso, em uma casa na zona rural do município, por volta de 200 mulheres que haviam recebido a notícia surpreenderam Terezinha Lira, interessadas em aprender esse novo ofício. Ela destaca na entrevista concedida a Parente (2022) que até a palavra “tapete” era desconhecida no lugar: “Foi uma loucura. Levei 50 agulhas do Recife, não deu pra ninguém, foi uma briga. Aliás, lá nem vendia agulha,

⁷O fio apenas cruza na parte superior do tecido, enquanto na parte de baixo permanece reto ou sem cruzamento.

⁸O fio cruza tanto na parte de cima quanto na parte de baixo do tecido, formando um "X" completo.

⁹ Entrevista concedida a Parente (2022).

¹⁰Lira, precursora da tapeçaria em Lagoa do Carro, 73 anos.

não tinha. Ninguém sabia o que era tapete, o que significava a palavra”. Assim, se iniciou o primeiro contato das mulheres locais com os materiais necessários e a arte da tapeçaria.

Dessa forma, as mulheres da cidade se empenharam bastante no novo ofício, o que acarretou na mudança definitiva de Tereza Lira para o então distrito de Carpina em 18 de setembro de 1975. No ano seguinte, ela se mudou para a cidade de Carpina. Assim, a dinâmica empregada entre ela e as mulheres da cidade era de trazer o material e elas fazerem o tapete:

Eu pagava um novelo de lã para elas aprenderem, elas passavam noite e dia treinando. Tive muito prejuízo. Passei 25 anos da minha vida dormindo duas horas por dia, dia e noite sentada no chão com as tapeceiras ou indo buscar os tapetes em Casa Caiada, com meu próprio carro (Lira *apud* Parente, 2022).

Com o passar do tempo, a atividade foi crescendo cada vez mais e foram criadas pequenas células de produção, que tinham “chefes”, ou seja, mulheres que aprendiam a técnica da tapeçaria e ficavam responsáveis por repassar o conhecimento para outras interessadas. Assim, com o crescente progresso, Terezinha Lira fez o papel, às vezes, de atravessadora e ganhava uma porcentagem dos tapetes transportados.

Já no início dos anos de 1990, a mestra tapeceira decidiu se aposentar da tapeçaria: “Enjoei. Nosso tapete ficou muito caro, é feito de lã e tela, está do mesmo preço que o persa. Além disso, fui muito roubada, deixava a matéria-prima na mão do povo e acabei levando prejuízo, muitas vezes”, mas ainda se diz orgulhosa do seu “legado estético e social” que possibilitou a muitas mulheres conquistarem sua independência: “Muitos desenhos que vejo o pessoal vendendo hoje em dia, fui eu que criei. Também vejo que muitas mulheres em Lagoa do Carro que sofriam violência dos maridos conquistaram sua independência. Sou imortal” (Lira, 2022).

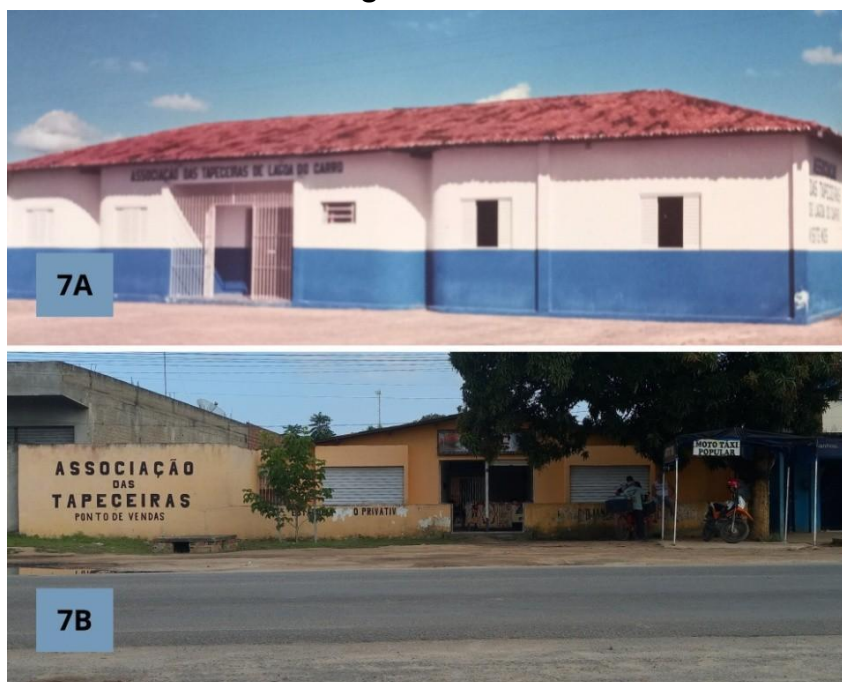
Nota-se que o tapete não impactou apenas a vida de Terezinha Lira, mas também a de outras mulheres, que muitas vezes puderam ter a autonomia para conquistar algo pelo esforço do seu trabalho. Assim como possibilitou a artesã se separar do marido, permitiu até mesmo conquistar um bem, como a casa própria, por exemplo.

Para as tapeceiras de Lagoa do Carro, um marco e um bem muito importante foi a criação da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC), que tem o intuito de lutar por uma melhor valorização do trabalho dessas mulheres artesãs e ajudá-las no processo de fabricação e venda.

Em 1989, a Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC) ganhou vida oficialmente pelas mãos de sua fundadora, a jovem Isabel. Apesar da pouca idade, Isabel Gonçalves assumiu a liderança para formar o que hoje é uma importante associação para os moradores de Lagoa do Carro e para as tapeceiras da cidade. Marcado por muitos percalços, o caminho da ASTALC até alcançar seu patamar atual contou com a força e persistência das artesãs, bem como com o apoio de colaboradores externos.

A ASTALC tinha vida, mas não possuía uma sede fixa, o que fazia com que as tapeceiras da época não tivessem um local específico para realizar suas reuniões e vender seus produtos. Elas se encontravam em locais variados, onde quer que estivesse disponível e tivesse capacidade para acomodar todas as mulheres. Um dos lugares onde mais se reuniram foi a casa da primeira presidente da Associação, mas também realizaram encontros na praça pública da cidade, em casas de moradoras que cederam o espaço, na sede da subprefeitura, em uma escola municipal, no clube da cidade, e até mesmo na rua, sob qualquer sombra disponível, até que finalmente conseguiram a sede (Figura 7).

Figura 7 - Registro da antiga e atual sede da ASTALC. 5A - Registro de 1996; 5B - Registro de 2024



Fonte: A - Arquivo pessoal de Gonçalves, 1996 e B - registro de Maria Vitória, 2024.

O processo de criação da ASTALC surgiu quando, na década de 80, um projeto do governador da época Miguel Arraes, denominado de Mutirão de Casas Populares, que chegou até o distrito de Carpina. Juntamente com esse projeto veio Rosângela, uma assistente social do governo e conhecendo a cidade passou a admirar o trabalho das mulheres fazendo tapete, geralmente nas calçadas. Ela começou a questionar a Isabel Gonçalves, na época com 17 anos, quanto essas mulheres ganhavam e para quem faziam. Então a jovem relata a ela a situação que perdurava por anos entre a arte da tapeçaria e os atravessadores, acrescentando ainda a sua indignação com o fato dessas mulheres não saberem medir e com isso elas que perdiam.

O que me scandalizava era que as mulheres não sabiam medir os tapetes, não estudavam em sua grande maioria, então um tapete que era 1 metro de largura e 2 de comprimento...na matemática delas nunca batia o tamanho, 1×2 é 2, e eu via na época gente recebendo menos do que a metragem era realmente efetivada, feita. E isso foi me levantando essas inquietações, insatisfações [...] (Gonçalves, 2023)¹¹.

¹¹ Isabel Gonçalves, fundadora e primeira presidente da ASTALC. Entrevista concedida a Maria Vitória, em agosto de 2023.

Quando a assistente social conversou com Isabel Gonçalves, perguntou o porquê elas não fazem uma associação, essa pergunta causou espanto na jovem, mas ainda sim concordou em tentar. “Aí eu digo: ‘Eita nós (espanto)!’ Já fazia parte do Grêmio estudantil do Dagoberto Lobo, do Jorge Camelo, então mais ou menos sabia [...] aí eu disse: ‘É, pode ser, é uma boa, bora fazer’” (Gonçalves, 2023). Dessa forma, a assistente social assegurou que apoiava e ajudava elas a conseguirem a documentação necessária e nos dias em que estivesse em Lagoa do Carro iria realizar as reuniões com as tapeceiras. Assim, a entrevistada destacou que conseguiram esse braço amigo e “tocaram a bola”. Elas compartilharam a ideia com outras mulheres que apoiaram a iniciativa, e assim marcaram uma grande reunião.

Com o apoio da assistente social e funcionária da Coordenadoria de Projetos Especiais, órgão ligado à Secretaria de Trabalho e Ação Social do Governo do Estado de Pernambuco, de 1988, Rosângela Aparecida, iniciou os encontros da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro. Ela destacou a importância da organização das tapeceiras com o intuito de diminuir a exploração, de mais de 12 anos, pelas mãos dos atravessadores. A jovem Isabel Gonçalves havia mantido contato com a dona da fábrica de tapetes de Casa Caiada e conseguiu 10 tapetes que a fábrica considera como de experiência para conhecer o trabalho das tapeceiras da ASTALC e a tapeçaria Timbi foram 5 tapetes (Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro, 1988, p.1).

Após a escolha da primeira diretoria da ASTALC, onde Isabel Gonçalves foi eleita a primeira presidente, em 1989, foi acordado o preço para o trabalho das que desenham e das que enchem os tapetes. Inicialmente ficou 55% para as primeiras e 45% para as segundas, nos tapetes disponíveis e já nos de exportação ficou 50% para cada, além da taxa de 5% m² para a Associação de cada tapete.

Surgiu o questionamento de como seria para ir buscar e levar os tapetes para a cidade do Recife, sem terem um carro disponível, decidiram entrar em contato com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carpina para ajudar com isso e o Sindicato fechou apoio com as tapeceiras.

Aí eles davam o carro uma vez por semana, era uma caminhonete Toyota, aí a gente levava e trazia material, botava tudo aqui, o terceiro quarto da casa era a sede da Associação. Aí tava tudo aqui, as pessoas vinham pegar

aqui, levava, produzia, voltava e na outra semana a gente levava o que tava pronto [...] (Gonçalves, 2023).

Assim, a Associação deu seus primeiros passos rumo à emancipação, mas a jornada não foi fácil, enfrentando muitos desafios ao longo do tempo. Um dos maiores obstáculos era a conquista de um espaço próprio, onde pudessem se reunir, trabalhar e vender suas peças. “Reuniram-se as tapeceiras da associação de Lagoa do Carro em uma sombra por não ter uma sede. A sombra foi na frente do galpão do galinheiro. Começou a reunião às 2:20 da tarde porque estava chovendo” (Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro, 1988, p.18). Apesar dessas dificuldades, elas sempre procuravam uma forma de se reunir e discutir os assuntos referentes à tapeçaria e à permanência da ASTALC.

No entanto, esse grupo de mulheres contou com importante ajuda externa. Ao convidarem membros do poder público para participar das reuniões da Associação, permitiram que esses representantes compreendessem de perto as dificuldades enfrentadas e buscassem formas de ajudá-las. Em uma dessas reuniões, o prefeito da época, ao ouvir sobre a realidade, as conquistas e as metas do grupo, decidiu doar um terreno da prefeitura. Após isso, iniciou a luta para obter os recursos necessários para a construção da sede.

Vamos devagar até um dia a gente chegar ao ponto em que esperamos [...] não vamos deixar a nossa Associação se acabar, porque nós somos artesãs, e temos que valorizar a nossa profissão que aprendemos com tantos sacrifícios, vamos lutar porque já temos um patrimônio que é o terreno, um dia construiremos a nossa sede (Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro, 1988, p. 19).

E assim aconteceu. Embora tenham ganhado o terreno em 1989, a tão sonhada sede só foi conquistada em 1996. Naquela época, elas mal tinham dinheiro para suprir as necessidades básicas, como a compra de materiais para os tapetes, como lã e tela. A solução foi desenvolver um projeto junto ao Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural (ProRural) para concluir a construção da sede. Elas entraram em contato com o prefeito da época, que solicitou a documentação necessária para submeter o projeto ao ProRural, em parceria com o Governo do Estado, visando obter a verba para finalizar a sede. “Ele (o prefeito) deu até a mão pra construir, a gente também gastou, os sócios também deram dinheiro e a gente pediu ajuda também aos comerciantes. Teve os comerciantes que ajudou, tendeu?

também, aí a gente criou a Associação (Silva, 2023)¹². Em poucos meses, o ProRural foi aprovado, e elas aguardavam apenas a abertura da conta para a liberação do dinheiro.

Nesse meio tempo, elas investiram na divulgação da ASTALC e da tapeçaria, buscando conquistar compradores para suas peças e, conseqüentemente, promover o município. Em 1995, conseguiram destaque em uma reportagem da emissora de TV Globo e do jornal *Diário de Pernambuco*. Meses depois, foram convidadas para uma exposição no Museu de Arte Popular, no Recife, e também para representar o município em Petrolina.

Em outubro de 1996, realizaram a primeira reunião na sede da ASTALC, concretizando uma das grandes metas dessas mulheres: ter um local próprio para se reunir, trabalhar e vender suas peças. As que perseveraram frente às dificuldades conseguiram realizar o sonho das primeiras sócias: a construção da sede.

A gente começou a fazer nas calçadas, sentava nas calçadas das casas. Quando você passava, você via várias mulheres sentada nas calçadas sentadas bordando tapete, sabe? Antes da Associação né, depois que formou a Associação todo mundo correu pra lá (Silva, 2023).

A luta agora passou a ser para preservar o que já foi conquistado. A ASTALC proporcionou às mulheres a autonomia e a liberdade de que tanto precisavam. Antes, elas não sabiam medir os tapetes corretamente, o que resultava em perda de dinheiro e produção. A Associação as ensinou a medir (Figura 8) adequadamente, garantindo que não houvesse mais desperdícios. Além disso, ofereceu a liberdade de criarem seus próprios desenhos e trabalharem no ritmo que desejassem.

O que mudou da gente, em relação ao passado, é que a gente faz o que a gente gosta, mas no tempo que a gente e no formato que a gente e no desenho que a gente quer. Antigamente, não. “Vocês têm que fazer esse tapete aqui” (páh), “é assim, assim e assado”. Eles estabeleciam o que a gente ia fazer, o que a gente ia produzir e agora não. A gente fica a vontade...de criar, de fazer, tudo. A arte é livre (Gonçalves, 2023).

[...] aí a gente se ocupa com o artesanato, nas horas vagas na tarefa de casa e de noite é o horário que a gente tá mais disponível pra fazer. Porque é um trabalho lento né, você vê que a gente pega uma tela dessa limpa e a gente tá preenchendo ponto a ponto não é fácil, é difícil (Pimentel, 2023)¹³.

¹² Maria Antônia da Silva, primeira vice-presidente da Associação. Entrevista concedida a Maria Vitória, em junho de 2023.

¹³ Maria José Pimentel, uma das tapeceiras mais antigas da Associação. Entrevista concedida a Maria Vitória, em junho de 2023.

Figura 8 - Tapeceira realizando medições de uma peça de tapeçaria



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Assim, as tapeceiras de Lagoa do Carro se libertaram dos atravessadores, que buscavam apenas lucrar às custas delas, e conquistaram um espaço que podiam chamar de seu — um lugar de apoio à sua arte e liberdade criativa. Além disso, divulgaram o município e consolidaram sua identidade cultural como a "Terra do Tapete". A partir daí, Lagoa do Carro passou a ser reconhecida pelas mulheres tapeceiras da Associação e por sua arte na tapeçaria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou sintetizar os principais achados sobre o impacto da tapeçaria para a identidade cultural de Lagoa do Carro, conhecida como a "Terra do Tapete". Ao longo da pesquisa, foi possível identificar os caminhos percorridos para a construção e preservação dessa identidade, com destaque para o papel fundamental das mulheres nessa trajetória.

A atividade teve início na década de 70, com a chegada de uma mulher que buscava encontrar pessoas que se interessassem em aprender o ofício para poder vender para as casas de tapeçaria do Recife. Lagoa do Carro, um distrito na época, foi o lugar oportuno para essa mão de obra, pois a ausência de trabalho remunerado era grande, especialmente para as mulheres. Após anos recebendo pouco pelo trabalho que faziam, as tapeceiras, com a iniciativa de uma jovem, buscaram criar um lugar que pudesse ajuda-las a manter essa atividade, sem se prejudicar ou ser explorada.

Dessa maneira, as tapeceiras, através da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro (ASTALC), conquistaram sua autonomia em 1989, rompendo com a exploração dos atravessadores e obtendo liberdade para criar e comercializar suas peças de forma justa. Entretanto, até chegar aos dias atuais, elas enfrentaram diversos problemas; um deles foi a falta de uma sede no início da associação.

Mesmo com outras riquezas naturais, como o Roncador e a Barragem, e atrativos turísticos, como o Museu da Cachaça, foi através da tapeçaria que Lagoa do Carro ganhou visibilidade, antes mesmo de se tornar município. As tapeceiras construíram a identidade do município e persistiram, ao ponto de Lagoa do Carro ser conhecida por vários lugares através dessa arte. As feiras em diversos lugares contribuíram para a divulgação da arte e do lugar, mas a falta de investimento dificulta essa locomoção, principalmente para as feiras mais distantes. Entretanto, as que elas ainda conseguem frequentar contribuem para a divulgação local.

A vida dessas mulheres não foi isenta de desafios, especialmente devido à influência do patriarcado, que tradicionalmente reservava a elas as responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos, limitando suas oportunidades de trabalho externo formal. A tapeçaria, sendo uma atividade artesanal manual associada historicamente ao feminino, representou uma

oportunidade. Apesar das adversidades, as tapeceiras de Lagoa do Carro encontraram maneiras de equilibrar suas obrigações familiares com a produção artesanal, fazendo da tapeçaria não apenas uma fonte de renda, mas também uma expressão de resistência e fortalecimento de sua identidade cultural e de suas histórias.

A tapeçaria se tornou um símbolo de resistência, identidade e empoderamento, refletindo a capacidade dessas mulheres de transformar suas realidades. Entretanto, o estudo também revelou desafios significativos enfrentados pelas artesãs, como o baixo financiamento, a falta de apoio contínuo para participar de feiras e a dificuldade de ampliar suas atividades em um cenário de recursos limitados.

Esses obstáculos mostram que, embora o valor cultural da tapeçaria seja amplamente reconhecido, ainda há muito a ser feito para garantir a sustentabilidade dessa tradição. Por fim, as limitações encontradas no desenvolvimento do trabalho apontam para a necessidade de pesquisas futuras que busquem soluções de políticas públicas mais eficazes para apoiar o artesanato local.

A continuidade e a expansão desse patrimônio cultural dependem de estratégias que ofereçam maior apoio institucional, acesso a mercados e, sobretudo, valorização do trabalho feminino, garantindo que a tapeçaria de Lagoa do Carro continue sendo um pilar da identidade cultural da região por gerações futuras.

Dessa maneira, o presente estudo buscou valorizar essa rica identidade cultural e o trabalho dessas mulheres, que enfrentaram, e ainda hoje enfrentam, o descaso pela falta de investimento para continuidade do seu trabalho. Além disso, buscou contribuir teoricamente sobre os aspectos da cultura do município do interior do estado de Pernambuco, bem como mostrar a relevância do artesanato, especificamente para um município. A pesquisa evidenciou também que, por meio da ASTALC, as tapeceiras não apenas preservaram uma tradição local, mas também desafiaram normas de gênero, conquistando maior visibilidade e autonomia.

REFERENCIAS

ARTESANATO, Portal do. **Conheça o Artesanato de Pernambuco**. [s.d]
Disponível em: <<https://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/artesanato-de-pernambuco>>. Acesso em: 30 set. 2023.

ARTESANATO: **cultura e arte no turismo regional**. Sebrae, 2021. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artesanato-cultura-e-arte-no-turismo-regional,2e5da30bd0f13810VgnVCM100000d701210aRCRD>>. Acesso em: 11 abr. 2023

ASSOCIAÇÃO DAS TAPECEIRAS DE LAGOA DO CARRO (ASTALC). **Livro de Atas das reuniões da Associação das Tapeceiras de Lagoa do Carro**. Lagoa do Carro: ASTALC, 1988. Manuscrito.

BARBOSA, V. L.; D'ÁVILA, M. I. **Mulheres e Artesanato**: um 'ofício feminino' no povoado do Bichinho/Prados-MG. Revista Ártemis, Vol. XVII, nº 1; p. 141-152, Jan-Jun, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/18122/11137>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BELCHIOR, M. H. C. S.; MELO, A. J. S.; WIDMER, G. M.; ALCOFORADO, E. S.; PAES, E. K. R. L. Produto Turístico Cultural: A Tapeçaria em Lagoa do Carro [Pernambuco, Brasil]. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 9, n. 1, p. 81-91, jan/mar. 2017. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/4655>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPOS, L. J.; ALQUATTI, R.; PEREIRA, I. Artesanato, cultura e turismo: o discurso estético-político nas arpilleras. **Revista Hospitalidade**, v. 9, n. 2, p. 235 - 253. 2012. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/482>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**: a era da informação. 9ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CASTILHO, M. A.; DORSA, A. C.; SANTOS, M. C. L. F.; OLIVEIRA, M. M. G. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. **Interações, Campo Grande**, v. 18, n. 3, p. 191–202, jul. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/BVjqrpcBrgSxXVYYrCb5zf/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 15 set. 2023.

CHAUI, M. Cultura e democracia. **Crítica y Emancipación**, v. 1, p. 53-76, Junho, 2008. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4657030/mod_resource/content/1/Chaui%20Cultura%20e%20Democracia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

CORDEIRO, A. F. O. **Tradição em transformação**: Representações Sociais de Tradição em Associações Culturais. Tese (Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária) - Instituto Politécnico de Lisboa: Escola Superior de Educação, Lisboa, p. 119. 2012.

CRUZ, M. S. R.; MENEZES, J. S.; PINTO, O. **Festas Culturais**: Tradição, Comidas e Celebrações. IN: Artigo apresentado no I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculculturais_mercia.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

FIGUEIREDO, M. D.; MELO, A. N.; MATOS, F. R. N.; MACHADO, D. Empreendedorismo feminino no artesanato. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 14, n. 1. Curitiba, p. 110-123, 2015. Disponível em: <<https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/2172#citations>>. Acesso em: 27 set. 2023.

GÊNERO e saúde. **Organização Mundial da Saúde**, c2023. Disponível em: <<https://www.who.int/health-topics/gender>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). IBGE Cidades. Lagoa do Carro. 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/lagoa-do-carro/historico>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

KERGOAT, D. Divisão sexual o trabalho e relações sociais o sexo. In: HIRATA, Helena (Org.); LABORIE, Françoise (Org.); LE DOARÉ, Helène (Org.); SENOTIER, Danièle (Org.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p.67-75.

LEITÃO, M. R. F. A. **Trabalho, gênero e desemprego em Lagoa do Carro**. Bogotá, Colômbia. Territórios. 2005, 115-132.

LIMA, R. G. Objetos: **percursos e escritas culturais**. 20ª ed. São José dos Campos- SP: Centro de Estudos da Cultura Popular, 2010.

MARTUCCI, E. M. Estudo de caso etnográfico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 25, n.2, p.167-180. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/issue/archive>>. Acesso em: 23 mai. 2023

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

MELLO, C. L.; FROEHLICH, J. M. Artesanato e Identidade Territorial: o caso da Costa Doce. In: DAVID, Cesar de. (Org). VARGAS, Daiane Loreto de. (Org). **Saberes Tradicionais e Artesanato**: expressões culturais do campo brasileiro. São Leopoldo: Oikos, 2018, 141-156.

MORAES, I.; MEDEIROS, L. **Gênero**: você entende o que significa?. Politize, 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>>. Acesso em: 08 abr. 2023.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. **Revista de Políticas Públicas**, v. esp., p. 339-346, 2016. Universidade Federal do Maranhão, Brasil.

NOGUEIRA, C.. Tapeçaria. **Mulheres que tecem Pernambuco**, 2017. Disponível em: <<http://mulheresquetecempe.com.br/arte/tapeçaria/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

OLIVEIRA, S. **Mulheres que Tecem Tradição e Amor**. YAM, 2020. Disponível em: <<https://yam.com.vc/sabedoria/779115/tecidas-de-tocoios-mulheres-que-tecem-tradicao-e-amor>>. Acesso em: 25 out. 2022.

PARENTE, M. **Linhas que resistem**: a mulher que costurou uma cidade. 2022. Disponível em: <<https://especial.leiaja.com/linhas-que-resistem/a-mulher-que-costurou-uma-cidade>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

Prefeitura Municipal de Lagoa do Carro. História. 2023. Disponível em:<<https://lagoadocarro.pe.gov.br/historia/>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2023.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Universidade de São Paulo, 1991. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2023.

SILVA, D. N. "Samba"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/samba.htm>. Acesso em 10 de março de 2024.

SILVA, C. A. **Retrato de um povo: em contos, versos e prosa**. Lagoa do Carro, PE: [s.n.], [200-].

TRIGUEIRO, O. M. Festas Populares. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, Ano XXVI, n. 2, p. 66-74, ago./dez. 2015.

VARGAS, D. L.; FIALHO, M. A. V. Artesanato, Identidade Cultural e Mercado Simbólico: Dinâmica da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n.49. 2019. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/journal/752/75261084012/75261084012.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

VIEIRA FILHO, R. D. V. **A festa de boi-bumbá em Parintins**: tradição e identidade cultural. Somanlu, v.2, número especial, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/258/132> Acesso em: 20 set. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

Roteiro para as entrevistas

1 - No início da prática do artesanato no município houve apoio por parte da Igreja Católica? Por exemplo, em ceder em algum lugar para as reuniões das mulheres tapeceiras? Além disso, há uma relação entre a tapeçaria e a formação da Paróquia no município?

2 - Quem foram os primeiros compradores e clientes dos tapetes feitos no início da atividade no município?

3 - Os atravessadores vendiam para quem os tapetes que eram feitos em Lagoa do Carro - PE?

4 - Como era a relação com atravessadores no início e como é a relação agora?

5 - Atualmente, quem são os compradores das peças de tapeçaria e vão para quais lugares?

6- No início, no processo de formação e consolidação da associação, houve ajuda por parte da prefeitura de Carpina? Houve contexto das primeiras tapeceiras com a prefeitura local?

7 - Atualmente, qual a relação da Associação e das tapeceiras com a prefeitura de Lagoa do Carro - PE? E como era em gestões passadas?

8 - Além da prefeitura, já houve alguma relação com o Governo Federal?

9 - Durante o processo de criação da Associação, houve resistência ou algum conflito por parte de outras tapeceiras ou de outro órgão local?

10 - Houve também tentativa de criação de outras associações no município?

11- Qual o motivo que fez com que outras tapeceiras não quisessem se associar?

12 - Como é a vida de uma tapeceira agora e como era antigamente? Em casa, estudos, família, outros trabalhos? Ou seja, o que mudou na vida delas após iniciarem a produção de tapetes tanto social quanto economicamente?

13 - O quanto a tapeçaria é importante na vida da tapeceira?

14 - O que poderia ser feito para melhor valorizar esse artesanato?

15 - Quem criou a festa do tapete e qual foi o intuito inicial?

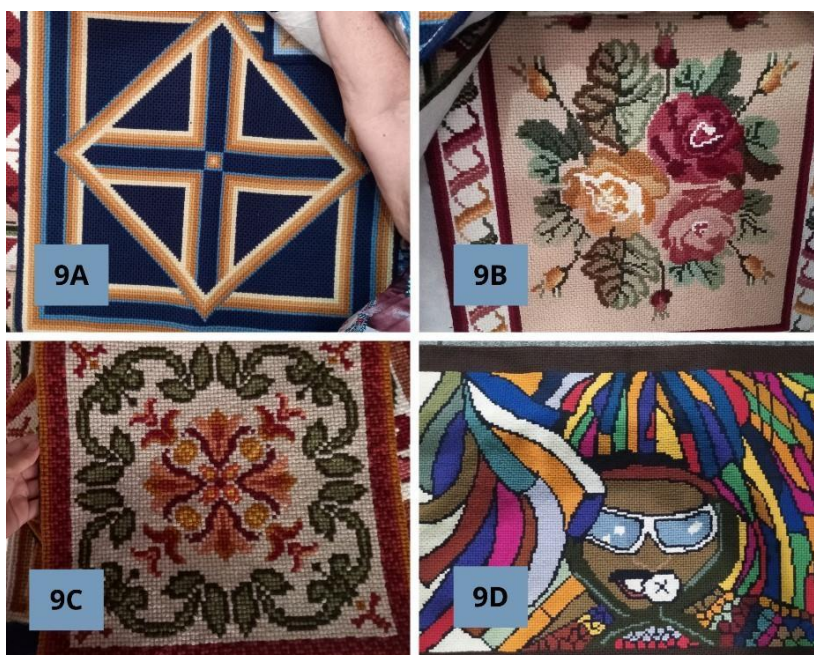
16 - Qual foi o motivo de Tereza Lira ter vindo especificamente para Lagoa do Carro - PE?

17 - O que te motivou a ser tapeceira?

18 - Quais ações enfrentadas pelas tapeceiras foi mais difícil nesse processo de consolidação da atividade no município?

ANEXOS

Figura 9 - Tipos de desenhos realizados na fabricação de tapetes pelas tapeceiras do município de Lagoa do Carro - PE da ASTALC. 9A - Geométrico; 9B - Floral; 9C - Colonial; 9D - Desenhos livres



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 10 - Materiais e passo a passo para a elaboração do tapete. 10A - Paleta de cores; 10B e 10D - Desenho inicial; 10C - Tela, lã e agulha; 10E - Preenchimento do tapete



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 11 - Registro antigos da produção de tapetes. 11A - Costurando o tapete; 11B e 11C - Aplicação de cola para acabamento; 11D - Desenho inicial no tapete



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 12 - Panfletos de algumas Feiras do Tapete e Artesanato em Lagoa do Carro - PE (FETALC). 12A - 13ª Fetalc realizada em 2019; 12B - 2ª Fetalc que ocorreu em 1998; 12C - 1ª Fetalc elaborada no ano de 1997; 12D - 8ª Fetalc e 4ª Festival da Cachaça em 2009; 12E - 10ª Fetalc e 6ª Feira Cultural da Cachaça de Lagoa do Carro realizadas em 2011; 12F - 11ª Fetalc realizada em 2012; 12G - 15ª Fetalc realizada em 2024



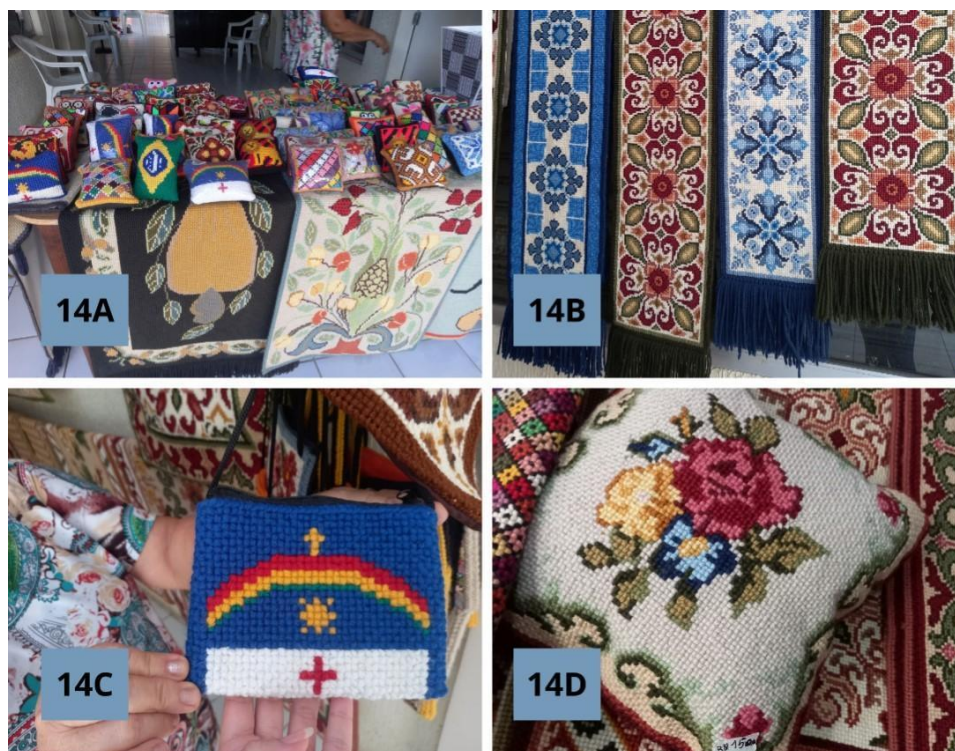
Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 13 - Tapetes expostos na ASTALC para comercialização



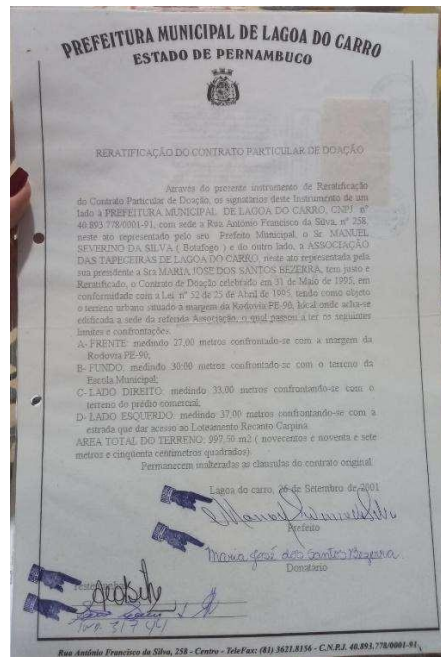
Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 14 - Tipos de peças elaboradas e costuradas pelas tapeceiras da ASTALC em Pernambuco. 14A - Peso de porta; 14B - Passadeira; 14C - Bolsa; 14D - Almofada



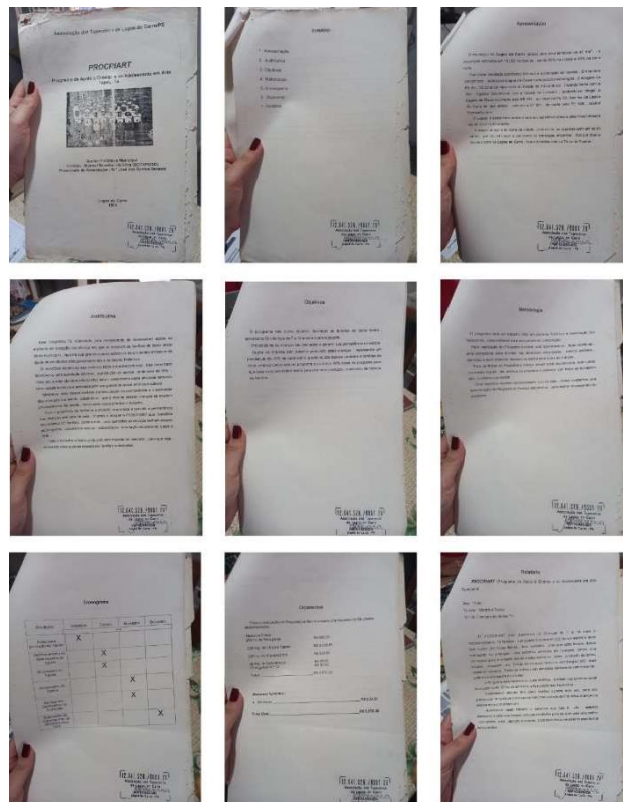
Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 15 - Reratificação do Contrato particular de doação do terreno da ASTALC



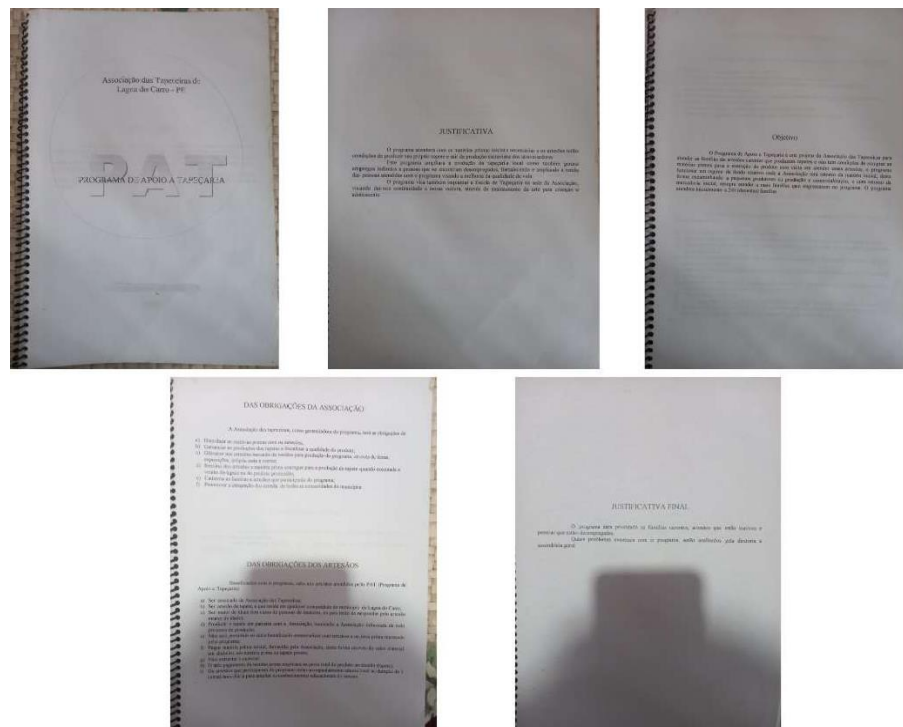
Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 16 - Estrutura do PROCRIART (Programa de Apoio à Criança e ao Adolescente em Arte Tapeçaria)



Fonte: Maria Vitória, 2023.

Figura 17 - Estrutura do PAT (Programa de Apoio à Tapeçaria)



Fonte: Maria Vitória, 2023.